

**REDESCUTINDO A NOÇÃO DE EQUIVALÊNCIA
LINGUÍSTICA NA TRADUÇÃO A PARTIR DA
SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: UM ESTUDO
DE CASO NA OBRA *BELOVED*, DE TONI MORRISON**

Mariana Schuchter Soares

Mariana Schuchter Soares

**REDISCUINDO A NOÇÃO DE EQUIVALÊNCIA
LINGUÍSTICA NA TRADUÇÃO A PARTIR DA
SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: UM ESTUDO
DE CASO NA OBRA *BELOVED*, DE TONI MORRISON**

Monografia submetida ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Amaral da Cunha Lacerda

**Juiz de Fora
Faculdade de Letras
Universidade Federal de Juiz de Fora
2012**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Maria Clara Castellões de Oliveira
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Ana Claudia Peters Salgado
Universidade Federal de Juiz de Fora

Data da defesa: 29/10/2012

Nota: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus,

Por guiar meus passos e auxiliar-me no caminho.

A minha orientadora Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda,

Por nortear minhas escolhas acadêmicas e por ensinar caminhos de vida, compartilhando conhecimentos com amor e dedicação.

Às queridas professoras Ana Claudia Peters e Marta Cristina da Silva,

Pela enorme colaboração para com minha formação acadêmica, profissional e pessoal.

A minha mãe,

Pelo apoio nos momentos mais difíceis e pela certeza de que podemos contar sempre.

A minha irmã Vanessa,

Pelo carinho e pelas horas dedicadas a minha filha.

Ao André,

Pela compreensão com as ausências e pela ternura nos momentos difíceis.

A minha filha Letícia,

Pelo amor puro e pelas lições diárias.

Às minhas amigas Tatiane Abrantes e Janaína Efísio,

Pelo cuidado com a nossa amizade e por todos os bons momentos.

Aos meus companheiros da turma do Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês

Pelos conhecimentos compartilhados em sala de aula e fora dela.

Words are your business, boy. Not just the word. Words are everything. The key to the rock, the answer to the question.

RALPH ELLISON (1960)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir a tradução do *African American Vernacular English* (AAVE) na obra *Beloved* (1987), de Toni Morrison. Com base na realização de um estudo de caso, procuramos demonstrar como o aporte teórico da Sociolinguística Variacionista pode contribuir com os Estudos da Tradução ao assumir que cada variedade linguística reflete, de maneira particular, a realidade sócio-histórico-cultural da comunidade linguística onde é utilizada (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001). Desse modo, este trabalho tem os seguintes objetivos gerais: (i) verificar as ocorrências do AAVE na obra *Beloved*, de Toni Morrison, e suas respectivas traduções para a língua portuguesa, a partir da análise da tradução realizada por Evelyn Kay Massaro, a qual se intitula *Amada*; (ii) discutir se é possível recuperar as marcas sócio-histórico-culturais do AAVE no processo tradutório; (iii) propor uma reflexão acerca da importância de se incluírem, nos cursos de formação de tradutores, conteúdos que visem a conscientizar os novos profissionais de que o trabalho do tradutor não se restringe a lidar com duas línguas distintas, mas também com as variedades linguísticas que subjazem a elas.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Sociolinguística Variacionista; equivalência linguística; *African American Vernacular English*.

ABSTRACT

The aim of this work is to discuss the translation of *African American Vernacular English* (AAVE) present in the book *Beloved* (1987), by Toni Morrison. Through a study case, we intend to evidence how much the Variationist Sociolinguistics theoretical approaches can contribute to the Translation Studies once it assumes that each language variety reflects, in a particular way, the socio-historical-cultural reality from the community where it is used (Labov, 1972, 1982, 1994, 2001). Therefore, this work has the following general goals: (i) verifying the occurrences of AAVE in the novel *Beloved*, by Toni Morrison, and its respective translations to the Portuguese language, through the analysis of a translation performed by Evelyn Kay Massaro, which is entitled *Amada*; (ii) discussing if it is possible to recover all the socio-historical and cultural traces of AAVE in the translation process; (iii) proposing a reflection about the importance of including, in the training courses for translators, contents to awareness the new professionals that the translator work is not restricted to deal with two different languages, but also with the language varieties that underlie them.

Keywords: Translation Studies; Variationist Sociolinguistics; linguistic equivalence; African American Vernacular English.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características do AAVE de acordo com Jokinen (2008)	66
Quadro 2 - Características do AAVE de acordo com Karvonen (2009).....	69
Quadro 3 - Características do AAVE de acordo com Morano (2000).....	71
Quadro 4 - Características do AAVE de acordo com Baumann <i>et. al.</i> (2006).....	72
Quadro 5 - Características do AAVE de acordo com Iwassa (2007).....	74
Quadro 6 - Características do AAVE analisadas na obra <i>Beloved</i> e em sua tradução com base nos trabalhos Jokinen (2008), Karvonen (2009), Morano (2000), Baumann <i>et. al.</i> (2006) e Iwassa (2007).....	84
Quadro 7 - Utilização de estruturas e/ou vocabulário diferenciados.....	87
Quadro 8 - Omissão do verbo <i>to be</i> em frases afirmativas e/ou interrogativas	89
Quadro 9 - Substituição do verbo <i>to be</i> conjugado pelo infinitivo <i>be</i>	90
Quadro 10 - Ausência de marcação de 3ª pessoa do singular com <i>does</i>	92
Quadro 11 - Utilização de <i>is</i> e <i>was</i> para todas as pessoas	93
Quadro 12 - Utilização de <i>is</i> e <i>was</i> no <i>Standard English</i> com base em Wilson e Kocienda (2007).....	94
Quadro 13 - Uso de <i>ain'(t)</i> como um verbo geral de negação.....	95
Quadro 14 - Utilização de dupla (ou múltipla) negativa nas sentenças	96
Quadro 15 - Omissão de pronomes relativos	97
Quadro 16 - Ausência de marcação em -s em verbos de terceira pessoa	99
Quadro 17 - Ausência dos auxiliares em frases interrogativas	100
Quadro 18 - Utilização de tempos verbais diferentes do inglês padrão.....	101

Quadro 19 - Presença de formas específicas para expressar o tempo verbal futuro
..... **103**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - A INSERÇÃO DA OBRA <i>BELOVED</i> NO CONTEXTO DA LITERATURA NORTE-AMERICANA	16
1.1. A história dos Estados Unidos e a literatura afro-americana: algumas relações e perspectivas	17
1.2. Toni Morrison e a temática da escravidão	24
1.3. Vida e obra de Toni Morrison	25
1.4. Contextualização da obra <i>Beloved</i>	27
1.5. Conclusões	31
CAPÍTULO II – (RE)DISCUTINDO A NOÇÃO DE EQUIVALÊNCIA LINGUÍSTICA NO PROCESSO TRADUTÓRIO	33
2.1. A Oficina Norte-americana de Tradução e a noção de equivalência estética	34
2.2. A Ciência da Tradução e a equivalência linguística	35
2.3. A perspectiva cultural da tradução	37
2.3.1. A representação do outro na prática tradutória: alguns conceitos fundamentais	40
2.4. Conclusões	43
CAPÍTULO III – A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: CONCEITOS FUNDAMENTAIS	45
3.1. Formalismo e funcionalismo: duas faces de uma mesma moeda	45
3.1.1. O formalismo linguístico: algumas considerações gerais	47
3.1.2. O funcionalismo na Linguística e o advento da Sociolinguística Variacionista	50
3.2. A língua como índice de identidade	54
3.3. Sociolinguística Variacionista e tradução: uma revisão teórica	56
3.4. Conclusões	60

CAPÍTULO IV - O AFRICAN AMERICAN VERNACULAR ENGLISH E A IDENTIDADE AFRO-AMERICANA	61
4.1. O que é o AAVE?	61
4.2. O surgimento do AAVE	63
4.3. As características linguísticas do AAVE	66
4.4. O AAVE em tradução: uma revisão teórica	76
4.5. Conclusões	80
CAPÍTULO V - A TRADUÇÃO DO AFRICAN AMERICAN VERNACULAR ENGLISH NA OBRA <i>BELOVED</i>	82
5.1. Procedimentos e critérios de análise	83
5.2. Análise: o AAVE em tradução na obra <i>Beloved</i>	86
5.2.1. Especificidades da tradução do AAVE: algumas conclusões	104
5.3. Uma proposta para a formação de tradutores	107
5.4. Conclusões	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112

INTRODUÇÃO

Ao tratar da questão da identidade linguística e ao considerar a língua como objeto socialmente constituído e passível de variações e mudanças, a Sociolinguística Variacionista, como defendemos neste trabalho, pode contribuir substancialmente com os Estudos da Tradução. Assim, abandonando a idéia de que os significados seriam dados *a priori* – não sendo, portanto estáveis –, o tradutor, ao buscar subsídios no aporte teórico da Sociolinguística Variacionista, pode passar a ter uma maior consciência de que não é possível uma equivalência linguística estrita no processo tradutório, uma vez que os aspectos sócio-histórico-culturais de uma determinada variedade não podem ser totalmente recuperados em outra língua.

É verdade que o profissional de tradução tende a optar pelas variedades linguísticas que mais se aproximam daquela encontrada no texto original, não apenas no que se refere aos padrões linguísticos, mas também aos contextos que envolvem a língua de partida e a língua de chegada. Contudo, nessa prática, é preciso que o tradutor tenha a consciência crítica de que as variedades linguísticas são únicas por representarem realidades singulares e específicas, o que significa que algo sempre se perderá no processo tradutório, tanto no que se refere às marcas linguísticas presentes no original quanto aos aspectos culturais – uma vez que língua e cultura são indissociáveis. Dessa forma, buscamos contribuições nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista com o intuito de reiterar e reforçar a perspectiva assumida pelos Estudos Culturais da Tradução. Além disso, como discutiremos, há poucos trabalhos que tratam pontualmente do tema.

Nesse sentido, podemos dizer que a escolha da tradução do *African American Vernacular English* (doravante também AAVE) para o estudo de caso realizado neste trabalho não foi fortuita: o AAVE se configura como uma variedade linguística singular e representativa de comunidades específicas nos Estados Unidos – representadas, principalmente, pelos afro-americanos. Para tratar da tradução de tal variedade linguística, buscamos ocorrências na obra *Beloved*, de Toni Morrison, e suas respectivas traduções para a língua portuguesa. A tradução de *Beloved* que analisamos, a qual foi realizada por Evelyn Kay Massaro, data de 1987.

Desse modo, este trabalho tem os seguintes objetivos gerais:

(i) Verificar as ocorrências do AAVE na obra *Beloved*, de Toni Morrison, e suas respectivas traduções para a língua portuguesa.

(ii) Discutir se é possível recuperar as marcas sócio-histórico-culturais do AAVE no processo tradutório.

(iii) Propor uma reflexão acerca da importância de se incluírem, nos cursos de formação de tradutores, conteúdos que visem a conscientizar os novos profissionais de que o trabalho do tradutor não se restringe a lidar com duas línguas distintas, mas também com as variedades linguísticas que subjazem a elas.

Assim, a fim de cumprir os objetivos gerais traçados acima, serão sintetizados, a seguir, os objetivos específicos de cada um dos cinco capítulos que integram este trabalho.

No primeiro capítulo, discutiremos questões pertinentes à obra *Beloved*, de Toni Morrison, relacionadas ao seu contexto histórico e às representações da identidade afro-americana. Nesse sentido, evidenciaremos o fato de a

autora se utilizar das memórias dos traumas reais vividos pelos negros para compor sua obra.

No segundo capítulo, buscaremos (re)discutir a noção de equivalência linguística – a partir da qual se considera que, no processo tradutório, o papel do tradutor seria o de transferir a mensagem de um código linguístico para o outro –, que, com o passar do tempo, tem sido revista. Nesse sentido, alguns estudiosos dos Estudos da Tradução, tais como Holmes (1972), Even-Zohar (1978), Lefevere (1992), Venuti (2008 [1995], 2002 [1998]) e Berman (1998), apresentam um importante papel para o tratamento da tradução como um processo histórico e contextualizado.

No terceiro capítulo, apresentaremos alguns pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, partindo do princípio de que toda variedade linguística atua como índice de identidade de seus falantes (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001). Discutiremos, nesse sentido, a perspectiva de que toda língua é socialmente determinada, heterogênea e sujeita às variações e mudanças relacionadas às transformações dos padrões histórico-sociais de cada comunidade linguística. Trataremos, ainda, dos trabalhos de Tarallo (1991), Iwassa (2007), Cunha Lacerda (2010) e Soares *et. al.* (2011), os quais tratam pontualmente das possíveis contribuições da Sociolinguística Variacionista para os Estudos da Tradução.

Já no quarto capítulo, contextualizaremos o *African American Vernacular English*, destacando hipóteses acerca de sua origem e avaliando sua situação de estigmatização no contexto norte-americano. Além disso, realizaremos um levantamento de suas principais características linguísticas.

No quinto e último capítulo, apresentaremos os dados coletados e analisados em um estudo de caso da obra *Beloved*, de Toni Morrison, e de sua respectiva tradução para a língua portuguesa, a qual se intitula *Amada*. Nesse sentido, serão discutidas as escolhas da tradutora Evelyn Kay Massaro no que se refere à tradução do AAVE para o português, verificando se a tradutora conferiu algum tratamento aos aspectos identitários associados a tal variedade linguística. Além disso, num segundo momento, trataremos, de forma mais geral, das dificuldades que podem ser encontradas pelo tradutor ao lidar com variedades linguísticas e, mais especificamente, no nosso caso, com o AAVE. Por fim, apresentaremos uma proposta de inclusão, nos cursos de formação de tradutores, de certos conteúdos relacionados a conceitos sociolinguísticos, os quais, como acreditamos, podem contribuir sobremaneira para a formação de uma consciência mais crítica por parte dos futuros profissionais da área de tradução.

CAPÍTULO I

A INSERÇÃO DA OBRA *BELOVED* NO CONTEXTO DA LITERATURA NORTE-AMERICANA

Este capítulo tem como objetivo fundamental discutir questões pertinentes à obra *Beloved*, de Toni Morrison, relacionadas ao seu contexto histórico e às representações da identidade afro-americana. Considerando que a obra é baseada, em sua primeira parte, num caso real de infanticídio por parte de uma escrava dos Estados Unidos, ocorrido no século XIX, pretende-se abordar a questão da escravidão e da sociedade da época, retratada por Morrison através das lembranças dos traumas vividos pela personagem, que narra sua própria história, ao mesmo tempo em que reflete sobre ela.

Na primeira seção, trataremos de aspectos relacionados à história norte-americana, essenciais para uma melhor compreensão do escopo deste trabalho. Também traçaremos um breve panorama da literatura afro-americana com a intenção de, posteriormente, contextualizar a produção de Toni Morrison e, mais especificamente, a obra *Beloved*. Na segunda seção, discorreremos sobre a vida e a obra da escritora Toni Morrison. Por fim, na terceira seção, analisaremos o contexto de produção da obra *Beloved*, buscando levantar suas principais características.

1.1. A história dos Estados Unidos e a literatura afro-americana: algumas relações e perspectivas

Para uma melhor compreensão da dimensão da escravidão nos Estados Unidos, é relevante considerar a afirmação de Nevins e Commager (1981) de que, por volta de 1850, a população norte-americana somava mais de 35 milhões de habitantes, e o número total de escravos era de 3,2 milhões. O maior contingente de negros concentrava-se nas cidades do Sul do país, considerando que, na Carolina do Sul e no Mississippi, totalizavam maior número e, na Louisiana, quase igualavam o número de brancos. Trabalhavam, em sua maioria, em lavouras de algodão, açúcar e arroz.

De acordo com Berlin (2006), uma ordem social baseada na escravidão dependia de poder bruto. Assim, o regime era mantido através do uso de força, mutilações, marcações a ferro quente, surras, chicotadas, forcas, entre outras crueldades.

Assim, para ilustrar a história dos negros norte-americanos, abordaremos aqui a teorização de Thompson (1998, p. 24) acerca dos tipos de dominação presentes na sociedade. O autor defende a existência de quatro tipos de dominação, a saber: (i) econômico, (ii) político, (iii) coercitivo e (iv) simbólico. O *poder econômico* é aquele baseado no mercado, na acumulação de capital e de bens materiais, através de atividades produtivas realizadas pelos indivíduos. Já o *poder político* tem as funções de coordenação e regulamentação das atividades sociais, cumpridas especialmente através da autoridade do Estado. Quanto ao *poder coercitivo*, pode-se dizer que esse é originado, habitualmente, a partir do uso de força física e armada, a fim de conter invasões externas ou movimentos internos. Geralmente, tal poder é

exercido conjuntamente com o poder político. O *poder simbólico*, ou cultural, é aquele que se ocupa da comunicação entre os indivíduos e da troca de experiências e informações.

Assim, pode-se dizer que, naquele momento, na sociedade norte-americana, em relação aos negros, havia a coexistência dos poderes econômico, político e, sobretudo, coercitivo. A violência utilizada pelos senhores de escravos era justificada pela lei, que autorizava a posse de afro-americanos bem como sua punição. Além disso, defendia-se que o país precisava do trabalho escravo para o crescimento da economia, o que levava, naquele contexto, a um uso indiscriminado dos negros para o trabalho pesado.

Um exemplo de poder coercitivo apoiado pelo poder político é narrado por Berlin (2006, p. 77). Segundo a autora, mesmo que os proprietários utilizassem a vara, o chicote, o ferro de marcar e o punho frequentemente, também estavam sempre dispostos a criar novas formas de punição. Desse modo, de acordo com Berlin (2006, p. 77),

[...] em 1707, King Carter solicitou permissão do tribunal para cortar os dedos do pé de 'duas incorrigíveis pretas chamadas Barbara Harry e Dinah'. Funcionários do condado [Chesapeake, Estado de Virginia] prontamente lhe concederam 'total poder para desmembrar.

Assim, os negros eram frequentemente expostos a castigos físicos e psicológicos, humilhações e desmoralizações, com o intuito de anular qualquer dignidade humana que lhes fosse de direito.

Segundo Delany (1968), em 1850, foi votado pelo Congresso dos Estados Unidos um conjunto de medidas chamadas de o "Grande Compromisso". Assim, nesta mesma votação, foi emendada a *Lei do Escravo Fugitivo*, datada de 1793, de modo a tornar ainda mais rígida e simplificada a devolução de escravos que fugiam do Sul para os estados livres do Norte. As

peças denunciadas eram imediatamente enviadas para o Sul do país por agentes federais, sem direito a qualquer julgamento. Dessa forma, um “xerife americano de um estado livre que se recusasse a ajudar a encontrar um escravo e devolvê-lo ao seu proprietário ficava obrigado a pagar [...] uma multa de mil dólares ao Estado” (SIMÕES, 2002, p. 28). A partir dessa lei, os negros nortistas também se sentiram ameaçados, uma vez que não teriam como se defender se fossem acusados de serem escravos fugitivos de proprietários sulistas.

Em 1865, com o término da Guerra de Secessão¹ e a vitória do Norte sobre o Sul, deu-se a abolição da escravatura nos Estados Unidos. Tal fato levou alguns segmentos da sociedade, principalmente no Sul do país, a criarem várias leis segregacionistas (as chamadas “Leis Jim Crow”), que vigoraram ainda por muitos anos, tais como, por exemplo: a) a proibição aos negros de viajarem nos primeiros vagões dos trens, que seriam, nesse contexto, reservados apenas para os brancos; b) a proibição de se assentarem num transporte público em que houvesse um grande número de passageiros brancos; c) a imposição de frequentarem escolas à parte e/ou instalações específicas em estabelecimentos públicos; d) a separação de banheiros, restaurantes e bebedouros para negros e para brancos.

Na literatura norte-americana, existem vários exemplos de obras que ilustram o contexto dessas leis segregacionistas, como os contos *Boy on a*

¹ Segundo Magnoli (2006), a Guerra de Secessão (1861- 1865) foi o primeiro conflito moderno da história, que consistiu numa guerra civil entre o Sul e o Norte dos Estados Unidos, na qual foram mortas cerca de 620 mil pessoas e feridas ou mutiladas 400 mil. De acordo com Berlin (2006, p. 292), “enquanto o Norte lutava pela manutenção da União dos Estados Unidos [...], os estados do Sul proclamavam a Confederação, ato pelo qual pretendiam separar-se do restante do país”.

Train (1937-38), *The Black Ball* (1950-60) e *Invisible man* (1952), de Ralph Ellison.

No conto *Boy on a train*, baseado nas memórias autobiográficas do autor, uma mulher afro-americana, recentemente viúva, viaja em um trem “Jim Crow”, da cidade de Oklahoma a McAlester, com seus dois filhos pequenos. Nesse contexto, James, o filho de onze anos, tem sua inocência corrompida a partir do momento em que percebe que o tratamento hostil que sua família recebe é devido à cor da pele. Assim, é relevante destacar que as leis “Jim Crow” intencionavam, justamente, a segregação racial, impondo a separação das acomodações para os negros e para os brancos. Certamente, aquelas destinadas aos negros eram inferiores.

Já o conto *The Black Ball* trata metaforicamente do *Blackballing*, i.e., um tipo de votação tradicional, comum nos Estados Unidos desde o século XVII, na qual eram utilizadas uma bola branca e uma bola preta para representar votos, respectivamente, a favor e contra à aceitação de novos membros em clubes, instituições e fraternidades. Assim, o texto traz à tona a noção de exclusão dos afro-americanos da participação social. O conto é narrado por um pai afro-americano, que insinua as razões dos conflitos entre brancos e negros, a politização das relações sociais e, até mesmo, a falta de empregos e a atuação precária dos sindicatos. Assim, pode-se dizer que a questão da identidade associada à cor da pele está sempre presente e que se defende a noção de uma mesma identidade americana, de um mesmo ideal e de uma mesma cultura, apesar das diferenças étnicas.

No que se refere à obra *Invisible man*, o protagonista negro relembra sua infância, ao mesmo tempo em que afirma ser invisível, pelo fato de que os

brancos simplesmente se recusavam a enxergá-lo. Nesse ínterim, o personagem era obrigado a frequentar escolas só para negros e sofria com a segregação e com a exclusão e o desprezo sociais.

De acordo com Azevedo (2003), por se acreditar que o destino dos negros estaria sempre vinculado ao dos segmentos considerados inferiores da sociedade, a bandeira da abolição expressava dois apelos: a abolição tanto da escravidão quanto do racismo. No entanto, mesmo após a aprovação da *Décima Terceira Emenda à Constituição dos Estados Unidos* – que proibia a escravidão e a servidão involuntária no país –, os afro-americanos continuaram a sofrer com a opressão, a exclusão social e a miséria por muitos anos. Apresentamos, a seguir, a seção 2 da emenda que foi votada pelo Congresso em 31 de janeiro de 1865 e ratificada em 6 de dezembro de 1865:

Seção 2. Não haverá, nos Estados Unidos ou em qualquer lugar sujeito à sua jurisdição, nem escravidão, nem trabalhos forçados, salvo como punição por um crime pelo qual o réu tenha sido devidamente condenado.²

Mas, na verdade, acabar oficialmente com a escravidão era apenas um primeiro passo para que os negros alcançassem a liberdade e a cidadania. Além do preconceito que precisavam superar, ainda conviviam com os traumas e as perdas de quase três séculos de cativeiro. A esse respeito, Azevedo (2003, p. 187) afirma que

[...] havia uma grande distância, entre, de um lado reconhecer os direitos dos escravos e seus descendentes de construir os seus destinos na terra em que viviam desde que foram trazidos da África, e, de outro, enfrentar a questão sobre como integrar os escravos emancipados à sociedade.

² Disponível em www.mspsc.eng.br. Acesso em 05 de set. de 2011.

De acordo com Trotter (1991), entre as décadas de 1890 e 1970, grande parte da população afro-americana que vivia no Sul dos Estados Unidos migrou para o Norte. Foi a chamada *Great Migration*. Um dos motivos da migração era a crescente onda de violência para com os negros que se instaurou no Sul, tornando a vida intolerável em certas localidades. Outra causa eram, ainda, as melhores oportunidades de trabalho, já que tais indivíduos deixavam uma sociedade essencialmente rural para trabalharem em indústrias em franca expansão.

Segundo Basker (2008), em 1945, com o término da Segunda Guerra Mundial, muitos países passaram por dificuldades econômicas³. No entanto, para os Estados Unidos, aqueles foram anos de muita prosperidade, ao menos no que se refere à população branca. Havia crescimento da necessidade de consumo, produzindo-se bens em larga escala, como automóveis, máquinas de lavar louças, roupas, televisões etc., e da economia em geral, fato que não beneficiou todos. Isso porque, ao longo do governo do presidente eleito *Dwight Eisenhower*, entre os anos de 1953 e 1961, grande parte da população americana continuou a viver na pobreza, principalmente os afro-americanos que permaneceram no Sul. Esses ainda sofriam com a discriminação racial e, conseqüentemente, com a persistente exclusão social e político-econômica.

Apesar desse cenário de escravidão, as manifestações afro-americanas já principiavam e eram ouvidas através de meios diversos. Segundo Berlin (2006), as instituições, antes clandestinas – como escolas, igrejas e associações –, passaram a funcionar mais abertamente, assim como seus líderes teriam começado a se expressar com mais liberdade.

³ Disponível em www.gilderlehrman.org. Acesso em 15 de maio de 2011.

Nesse sentido, de acordo com Gomes (2002), na década de 1920, surgiu o primeiro amplo movimento cultural na comunidade afro-americana, chamado de *Harlem Renaissance*, em Nova York. Assim, grupos afro-americanos incorporaram os anseios e as reivindicações dos negros do país, como o direito à voz e à integração social, e começaram a criar poesias, romances, teatro, música e arte em geral, utilizando-se de uma estética constituída por uma clara influência africana. Alguns representantes desse movimento na literatura foram Jean Toomer, Jessie Fauset, Claude McKay, Zora Neale Hurston, James Weldon Johnson, Alain Locke, Eric D. Walrond e Langston Hughes. Assim, com a *Harlem Renaissance* no ambiente urbano nova-iorquino e, logo depois, com a *Négritude franco-caribenho-africana*, ocorrida na década de 1930, estimulou-se, no âmbito da literatura, a valorização do legado cultural africano. Dessa forma, o negro tentava abrir um espaço, ainda muito restrito, em meio à sociedade, utilizando-se da cultura e da arte.

Ainda segundo Gomes (2002), já na década de 1960, surgiu o chamado *Black Power*, que é considerado o segundo grande movimento cultural entre os negros norte-americanos. A partir das palavras de ordem *Black is beautiful*, tal manifestação revelou-se radicalmente contestadora, enfocando discussões em torno da realidade político-social dos negros no país. O movimento em questão se diferiu da *Harlem Renaissance* em todo o seu vigor identitário e em suas claras reivindicações por cidadania. A autora afirma, ainda, que, naquele momento, o negro norte-americano

[...] voltava-se para si mesmo, via-se belo e partia para a afirmação orgulhosa de seus próprios parâmetros estéticos, culturais e existenciais, consciente de que apenas através do

auto-conhecimento e da valorização de si próprio concretizaria as metas de realização pessoal e ascensão comunitária. (GOMES, 2002, p. 7)

A partir de então, o orgulho negro estava visivelmente presente na arte, em especial na literatura. O que tais indivíduos almejavam era serem vistos como concidadãos⁴, aceitos como iguais e respeitados em seus direitos. Assim, destacaram-se, nesse período da história norte-americana, os escritores *James Baldwin*, *Richard Wright*, *Haki Madhubuti*, *Sonia Sanchez*, *William Faulkner*, entre outros.

De acordo com Silva (2004, p. 9), na década de 1970, novas obras de autores negros surgiram no contexto norte-americano, as quais tinham por objetivo retratar a alienação que um indivíduo pode sofrer em meio à sociedade na qual está inserido, a vida dos negros em uma sociedade majoritariamente branca, a oscilação entre o ser e o não ser (vistos como concidadãos e respeitados em seus direitos), a ambiguidade das relações sociais e as questões de cidadania precária. A literatura produzida por Toni Morrison está inserida nesse contexto, assim como a produção de escritoras como *Sarah Wright*, *Alice Walker*, *Toni Cade Bambara* e *Nikki Giovanni*.

1.2. Toni Morrison e a temática da escravidão

A obra *Beloved* foi publicada em 1987 e, de acordo com Nickel (2009), foi motivo de muita polêmica nos Estados Unidos. Isso ocorreu por não ter sido agraciada com prêmios como o *National Book* e o *National Books Critics Circle*, o que causou muita indignação entre os escritores afro-americanos, que

⁴ Entende-se por concidadão o indivíduo que, em relação a outrem, goza da mesma cidadania ou é natural da mesma cidade ou país (HOUISS & VILLAR, 2001, p. 786).

acusaram tais pareceres de racistas. No entanto, mais tarde, Morrison acabou recebendo cinco prêmios pela obra, o que inclui: o *Pulitzer de ficção*, em 1988; o italiano *Chiantti Rufino Ântico Fattore International Literary Prize*, em 1990; o *Modern Language Association of America's Commonwealth Award in Literature*, em 1989; o *Melcher Book Award* e o *Elmer Holmes Bobst Award Fiction*, em 1988.

Na próxima seção, abordaremos um pouco da vida e da obra da afro-americana Toni Morrison, bem como realizaremos uma breve análise da obra *Beloved* e de sua representação no que se refere à identidade dos negros norte-americanos.

1.3. Vida e obra de Toni Morrison

Toni Morrison é considerada, não apenas dentro dos Estados Unidos, mas também ao redor do mundo, como uma das mais importantes escritoras da contemporaneidade. Seu reconhecimento foi asseverado pelo prêmio *Pulitzer*, em 1988, e pelo *Prêmio Nobel de Literatura*, em 1993, sendo a primeira escritora negra a recebê-lo.

Morrison nasceu em 1931, na pequena cidade de Lorain, Ohio, com o nome de Chloe Anthony Wofford, e experienciou as dificuldades de uma família de descendência africana, composta por quatro filhos, cujo pai trabalhou arduamente para sustentar. O pai de Toni Morrison participou da *Great Migration*, saindo do Sul para o Norte do país em busca de uma vida digna e de melhores oportunidades. No entanto, apesar das dificuldades, Morrison tem uma história de vida repleta de sucessos na literatura (PEACH, 1998).

Dessa forma, a autora é conhecida, principalmente, por seus romances que abordam a vida dos negros nos Estados Unidos, a partir dos quais o leitor é capaz de transcender os fatos puramente históricos e ter acesso a aspectos da natureza psíquica dos personagens, a fim de compreender, de forma mais aprofundada, a vida dos negros em tempos de escravidão.

Como destaca Campos (2005), Toni Morrison deu início à vida profissional como professora da *Texas Southern University* e da *Howard University*, para, em seguida, ser admitida na *University of New York*. Nesse mesmo período, iniciou sua carreira de escritora. Em 1965, tornou-se editora da *Random House*, uma das principais editoras em língua inglesa do mundo, através da qual demonstrou seu incansável interesse pela história e pela cultura negra através de variadas publicações sobre o assunto, durante os vinte anos em que permaneceu na atividade. Dentre tais publicações está a obra *The Black Book*, cuja pesquisa percorreu mais de trezentos anos da vida dos negros, desde a chegada aos Estados Unidos, no século XVII, até o século XX, o que compreende o período da escravidão até o pós-guerra civil, quando foram oficialmente libertados.

Muitos são os romances escritos por Toni Morrison, o que inclui *The Bluest Eye*, *Song of Solomon*, *Tar Bab*, *Jazz*, *Paradise*, *A Mercy*, entre outros, e *Beloved*, obra analisada neste trabalho. Em toda a sua produção literária, a escritora apresenta a temática da escravidão ou do negro nos Estados Unidos, e as histórias são geralmente protagonizadas por mulheres.

1.4. Contextualização da obra *Beloved*

Como dito anteriormente, Toni Morrison publicou *The Black Book* (1974), resultado de pesquisas que retratam mais de três séculos repletos de opressão e de luta pela sobrevivência dos negros nos Estados Unidos. Segundo Campos (2005), justamente durante a busca por tais informações e por documentos históricos que as comprovassem, a autora acabou encontrando um artigo de jornal cujo título era *A visit to the slave mother who killed her child*, o qual se tornou estímulo para a criação de *Beloved*. A história real do infanticídio, temática do romance de Morrison, teria se passado com a escrava fugitiva *Margareth Garner*, o que, segundo Simões (2002, p. 28), “chocou a opinião pública americana e impulsionou a campanha abolicionista na época, acirrando as discussões entre sulistas e nortistas, que culminariam, poucos anos depois, com a Guerra de Secessão”. No entanto, sabe-se que a história de Margareth não foi um caso isolado e que muitas escravas mataram seus próprios filhos para livrá-los dos horrores vividos nas fazendas do país, principalmente após a aprovação da *Lei do Escravo Fugitivo*, mencionada anteriormente.

Na obra *Beloved*, Sethe (inspirada em *Margareth Garner*) é uma escrava fugitiva da fazenda *Sweet Plantation* – local onde havia todo tipo de maltrato, como massacres, açoitamentos, estupros que resultavam em filhos gerados sem amor, e condições de vida sub-humanas –, situada no estado de Kentucky. Ao ser reencontrada pelo *schoolteacher*, o senhor de *Sweet Plantation*, Sethe decide matar os filhos, já que prefere vê-los mortos a escravizados. No entanto, a mãe só consegue assassinar a filha mais velha.

No tempo presente da narrativa, a ex-escrava vive com a filha caçula *Denver*, de 18 anos, em uma casa localizada na *124 Bluestone Road*. Os outros dois filhos, chamados *Howard* e *Buglar*, acabaram fugindo com medo do “fantasma” que assombrava a casa. No entanto, a filha mais nova, Denver, gostava do “fantasma”, pois, como a maioria das pessoas, a menina acreditava que esse era o espírito de sua irmã mais velha.

Assim, após dezoito anos do acontecido, uma misteriosa mulher chamada *Beloved* – nome escrito no túmulo da filha assassinada – aparece e passa a viver com Seth, Denver e Paul D. A personagem transforma a vida da família ao desenvolver uma admiração obsessiva por Sethe, que permanece sempre atormentada pelas memórias e pela culpa do infanticídio.

Segundo Campos (2005), ao contrário das *slaves narratives*⁵, gênero que deu início à tradição literária afro-americana em prosa, *Beloved* não segue uma linearidade, um tempo cronológico bem definido. Assim, várias narrativas de escravos e ex-escravos se intercalam às consequências psicológicas da escravidão, ao passo que os episódios da vida de Sethe, uma ex-escrava, e dos outros personagens com quem convive são recordados. Além disso, “certos fatos obscuros são esclarecidos a partir dessa troca de lembranças, o que é mais um elemento diferenciador entre as *slave narratives* e o romance de Morrison” (CAMPOS, 2005, p. 188). Essa revisão dos fatos passados é realizada de forma bastante fragmentada, o que faz com que o leitor não encontre uma versão completa ou um ponto de vista singular.

⁵ De acordo com Campbell (2010), as *slave narratives* adquiriram sua forma e seu tom clássicos entre 1840 e 1860, quando as influências do romantismo estiveram mais presentes na literatura norte-americana. Entre 1720 e 1947, mais de 200 livros com narrativas sobre os escravos foram publicados nos Estados Unidos e na Inglaterra. Tais textos tinham a intenção de despertar a simpatia dos leitores, com o intuito de promover o humanitarismo, enfatizar as crueldades dos senhores de escravos, destacar as ideias religiosas tradicionais do Cristianismo e demonstrar aceitação em relação aos ideais da sociedade branca.

A narrativa de *Beloved* focaliza duas épocas distintas, o presente de Sethe e o passado em forma de lembranças. As datas são, respectivamente, 1873 (primeiros anos após a abolição da escravidão) e 1855 (dez anos antes da abolição). Assim, o presente se passa em Ohio, e as memórias da personagem na fazenda *Sweet Plantation*, Estado de Kentucky. Assim, os *flashbacks* são constantes na obra, voltando-se às recordações dos tempos de escravidão, o que inclui, por exemplo, a infância de Sethe, o enforcamento de sua mãe, a libertação de sua sogra chamada Baby Suggs, bem como o infanticídio cometido em desespero por Sethe.

Ainda é relevante destacar que a obra *Beloved* é apresentada no tempo presente, por um narrador em terceira pessoa. Entretanto, quando os *flashbacks* são inseridos, a narrativa passa a ser em primeira pessoa, uma vez que as memórias são relatadas pelos próprios personagens.

Outro aspecto relevante na obra é o uso do *African American Vernacular English*, numa tentativa de representar o socioleto⁶ falado pelos negros norte-americanos. Conforme discutiremos no Capítulo III, considerando que toda variedade linguística atua como índice de identidade (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001), a utilização do AAVE em *Beloved* mostra o vigor identitário das obras de Morrison, numa tentativa de reconstruir fielmente a realidade dos negros no país.

No romance em questão, Toni Morrison trabalha com o trauma e com a memória do trauma. Ainda de acordo com Simões (2002), esta amnésia nacional da qual fala Morrison vem do próprio processo de formação do

⁶ Como destaca Cunha Lacerda (2010, p. 138), por socioleto compreendem-se as variedades relacionadas a cada agrupamento linguístico a partir de sua classe social e de seu grau de escolarização, enquanto o dialeto se configura como a realização regional de uma variedade linguística.

discurso nacional dos Estados Unidos, caracterizado pela violenta exclusão das minorias, em favor de um discurso totalizante da nação. Assim, “a identidade nacional se constrói a partir da superação de toda diferença capaz de perturbar a homogeneidade” (SIMÕES, 2002, p. 31).

A tensão constante entre lembrar e esquecer está sempre muito presente no texto, já que a “reencarnação” de *Beloved* e a volta de Paul D. (que acaba se tornando marido de Sethe, mas que tem um passado de dolorosas experiências dos tempos de escravidão compartilhadas com a mulher), acabam suscitando o reencontro com o passado. A esse respeito, Campos (2005) afirma que o fato de Toni Morrison não se limitar ao período da escravidão, mas discutir também a vida pós-abolição dos afro-americanos através da protagonista e de sua família, demonstra a intenção de evidenciar o quanto a perseguição e a injustiça continuaram constantes na vida dos negros.

Vale ainda ressaltar que, na obra *Beloved*, encontram-se elementos considerados, por muitos autores, como característicos da pós-modernidade, tais como os frequentes *flashbacks*, a intertextualidade, o tempo fragmentado, a representação do grotesco, os conflitos relacionados à sexualidade e à crise de identidade e a construção e a reprodução da subjetividade (CAMPOS, 2005, p. 190). De acordo com Davis (1998), além dos aspectos citados, há também outros elementos pós-modernistas, como “a ‘ficcionalização’ da história e os questionamentos das grandes metanarrativas históricas”. Além disso, a autora destaca o seguinte:

Eu também compartilho sua suspeita [da autora Barbara Christian] de que o movimento cada vez mais popular a favor de se ler a ficção de Morrison através das lentes do pós-modernismo, do pós-estruturalismo, ou de uma teoria acadêmica “branca”, é uma tática que subestima a importância

crucial da herança cultural negra de Toni Morrison [...] (DAVIS, 1998, p. 1)

Dessa forma, a autora considera que o trabalho de Morrison deve ser compreendido como uma expressão da cultura e das tradições afro-americanas, e não apenas como mais uma obra que se encaixa nos padrões do pós-modernismo, o qual, segundo ela mesma sugere, pode ser considerado como mais uma “teoria acadêmica branca”. A partir de tal pressuposto, pode-se dizer que o romance *Beloved* foi capaz de acirrar, de certa forma, os debates sobre a história do pós-modernismo, desafiando o centrismo e o elitismo dessa teoria.

1.5. Conclusões

Neste capítulo, traçamos um breve panorama da história e da literatura norte-americanas com a intenção de contextualizar a produção da obra *Beloved*, de Toni Morrison. Nesse sentido, discutimos em que medida a produção literária da autora se volta para questões diretamente relacionadas à escravidão nos Estados Unidos.

Além disso, buscamos discutir fatores de identidade cultural presentes na obra em questão. Conforme pudemos observar, a autora se pauta nas memórias dos traumas reais vividos pelos negros a fim de evidenciar o quanto os afrodescendentes sofreram com a escravidão e com a opressão social no país.

Conforme demonstramos, a literatura pode contribuir substancialmente para que aspectos sócio-histórico-culturais sejam desvelados e, de certo modo, até melhor compreendidos. No caso da obra *Beloved*, de Toni Morrison,

observa-se claramente a perspectiva de denúncia sobre as condições em que viveram os afrodescendentes. E, nesse contexto, o trabalho de Morrison se destaca por empreender uma releitura do período da escravidão nos Estados Unidos sob uma perspectiva contemporânea, conservando a autenticidade do passado numa estrutura narrativa inequivocamente pós-moderna.

CAPÍTULO II

(RE)DISCUTINDO A NOÇÃO DE EQUIVALÊNCIA LINGUÍSTICA NO PROCESSO TRADUTÓRIO

Este capítulo tem como intuito (re)discutir a noção de equivalência linguística, a partir da qual se considera que, no processo tradutório, o papel do tradutor seria o de apenas transferir a mensagem de um código linguístico para o outro. Essa perspectiva, conforme mostraremos mais adiante, parte do princípio de que os significados seriam estáveis e que a prática da tradução seria uma mera substituição de informações da língua de partida para a língua de chegada.

Conforme demonstraremos, com o passar do tempo, a noção de equivalência estrita tem sido amplamente criticada e revista. Assim, a *Oficina Norte-americana de Tradução* e a *Ciência da Tradução*, cujas abordagens eram baseadas, respectivamente, nas noções de equivalência estética e equivalência linguística, foram sucedidas pelos *Estudos Culturais da Tradução*, que passaram a considerar os aspectos sócio-culturais envolvidos na produção e na recepção da obra traduzida.

Assim, na primeira e na segunda seções, apresentaremos, respectivamente, aspectos relacionados à *Oficina Norte-americana de Tradução* e à *Ciência da Tradução* numa tentativa de rediscutir a noção de equivalência. Na terceira seção, trataremos da mudança de paradigma que se deu com o estabelecimento da disciplina *Estudos da Tradução* a partir da publicação da obra de Holmes (1972) e, posteriormente, discutiremos alguns

aspectos relacionados à ética na tradução e aos conceitos de domesticação e estrangeirização e (in)visibilidade do tradutor.

2.1. A Oficina Norte-americana de Tradução e a noção de equivalência estética

No início da década de 1960, nos Estados Unidos, “(...) não havia centros de tradução, nem associações de tradutores literários, nem publicações dedicadas basicamente a traduções, tradutores e seus problemas” (KEELEY, 1981, p. 11 *apud* GENTZLER, 2009 [1993], p. 27). Isso porque a tradução era vista como uma atividade periférica pelo meio acadêmico.

No entanto, Paul Engle, diretor da *Oficina de Escritores na Universidade de Iowa*⁷, foi o responsável por iniciar, de forma sistemática, as atividades voltadas para a tradução no país, o que incluía o *Programa de Redação Criativa*, as oficinas de tradução, as publicações acadêmicas direcionadas para a área etc. Além disso, Engle estabeleceu o *Centro Nacional de Tradução* na Universidade do Texas, em Austin (GENTZLER, 2009 [1993]).

Nesse sentido, para a Oficina Norte-americana de Tradução, que buscou agregar as diferentes pesquisas realizadas até então, a atividade tradutória deveria se voltar, principalmente, para um tipo de recuperação estética. Isso quer dizer que, em todo trabalho literário, haveria uma experiência estética fundamental – relacionada à forma, e não propriamente aos significados – e, por isso, caberia ao tradutor a tentativa de recuperá-la na língua-alvo. Assim, ocorria, de certa forma, a valorização do texto original em detrimento do texto

⁷ A *Oficina de Escritores na Universidade de Iowa* é um programa voltado para a escrita criativa em nível de graduação. A primeira turma iniciou suas atividades em 1987. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Iowa_Writers'_Workshop. Acesso em 25 set. de 2011.

traduzido, e a prática tradutória passava a ser entendida enquanto um processo que visava à mera reprodução.

Segundo Gentzler (2009 [1993]), na década de 1970, a aceitação da tradução enquanto prática e objeto de estudo continuou crescendo. Várias universidades começaram a oferecer cursos e *workshops* voltados para a área. Além disso, periódicos foram fundados, e o governo dos Estados Unidos passou a apoiar mais a atividade, concedendo bolsas específicas para a realização de traduções literárias.

Todavia, nas décadas seguintes, o processo de crescimento da área de tradução estagnou – principalmente devido às limitações de incentivo por parte das instituições.

2.2. A Ciência da Tradução e a equivalência linguística

A *Ciência da Tradução* estabeleceu-se nos anos de 1960, sendo inaugurada principalmente pelas propostas de Nida (1964), Catford (1980 [1965]), Newmark (1981) e Wilss (1982). Tal abordagem baseia-se, principalmente, na noção de que as línguas seriam equivalentes entre si e, dessa forma, parte do princípio de que os textos traduzidos deveriam se igualar estritamente aos textos originais.

Apesar de a Linguística e a *Ciência da Tradução* serem duas áreas distintas, acreditava-se, na época, que a tradução era bastante dependente da Linguística. A independência da prática tradutória da Linguística só seria reconhecida mais tarde com os *Estudos da Tradução*, disciplina proposta por Holmes (1972), sobre a qual discorreremos na seção 2.3.

No que concerne aos principais estudiosos que se dedicam à *Ciência da Tradução*, abordaremos, de forma sucinta, alguns dos pressupostos em que se baseiam suas abordagens.

Nida (1964) adota a diferença entre estrutura profunda – forma abstrata subjacente que determina o significado da frase –, e estrutura superficial – representação do símbolo físico que produzimos e ouvimos –, legado do gerativismo linguístico de Chomsky (1957). Dessa forma, o autor propõe o conceito de *equivalência dinâmica*, i.e., a mensagem original, quando traduzida, deveria causar os mesmos efeitos no público da língua de chegada.

Já de acordo com Catford (1980 [1965], p. 22), em sua obra *Uma Teoria Linguística da Tradução*, “o problema central em prática de tradução consiste em encontrar equivalentes”. Dessa forma, a tradução envolveria a equivalência textual, a partir da qual qualquer texto na língua de chegada deveria ser equivalente à sua realização original na língua de partida, e a correspondência formal, i.e., qualquer categoria gramatical presente na língua de partida deveria se tornar equivalente na língua de chegada.

Já Newmark (1981) enfatiza o uso da tradução literal. Para ele, a linguagem do autor do texto original deveria ser completamente mantida, considerando-se obrigatórias, até mesmo, as traduções de neologismos e metáforas do texto-fonte.

Para Wilss (1982), por sua vez, a tradução seria considerada uma mera *transferência interlingual*, i.e., uma busca por equivalências estritas para uma reprodução fiel do texto de partida na língua de chegada.

Nesse sentido, pode-se dizer que termos como *reproduzir*, *substituir* e *transferir*, tão utilizados pelos estudiosos da *Ciência da Tradução*, restringem

muito o conceito de tradução, uma vez que as línguas são tratadas como sistemas exatamente iguais entre si. Assim, a estabilidade dos significados proporcionaria ao tradutor encontrar termos e estruturas idênticas em qualquer língua, sendo possível reproduzir um texto traduzido tal como ele foi produzido na língua de partida.

No entanto, neste trabalho, assumimos uma concepção de língua contrária àquela defendida pela *Ciência da Tradução*, uma vez que, no processo tradutório, estão envolvidos muito mais do que fatores puramente linguísticos. Tal idéia é justamente o que nosso estudo de caso – o qual será realizado no Capítulo V – pretende evidenciar.

2.3. A perspectiva cultural da tradução

O estabelecimento dos *Estudos Culturais da Tradução* instaurou um novo paradigma no tratamento do processo tradutório. Nesse cenário, Holmes (1972) ocupou um papel de destaque ao publicar a obra intitulada *The Name and Nature of Translation Studies*, na qual afirma a existência de uma dispersão e uma falta de sistematização das pesquisas científicas relacionadas à tradução em diversas áreas do conhecimento. Assim, para o autor, principalmente devido a essa dispersão, havia imprecisões quanto ao modelo tradutório adotado e às terminologias utilizadas, uma vez que a área da tradução era referenciada por diversos termos, muitas vezes vagos, como *arte*

*da tradução, princípios da tradução, fundamentos da tradução, filosofia da tradução e Ciência da Tradução*⁸.

Neste sentido, Holmes (1972) propôs a criação de uma disciplina que tratasse de questões relacionadas eminentemente ao processo tradutório, sugerindo o nome *Estudos da Tradução*. Ao definir o escopo da disciplina, que, segundo ele, deveria ser de natureza empírica, o teórico estabeleceu dois objetivos centrais: (i) descrever o fenômeno da tradução e as traduções tal como se manifestam e (ii) estabelecer princípios gerais a partir dos quais o fenômeno da tradução pudesse ser explicado. Assim, propôs que a disciplina *Estudos da Tradução* pudesse ser subdividida em *Estudos Culturais da Tradução (Descriptive Translation Studies)* e *Estudos Teóricos da Tradução (Theoretical Translation Studies)*.

Nesse contexto, a partir do momento em que, além dos aspectos puramente linguísticos, os aspectos culturais também passaram a ser considerados como parte do processo tradutório, a noção de equivalência linguística começou a ser rediscutida. Com o desenvolvimento dos estudos na área, fatores sócio-culturais relacionados às línguas de partida e de chegada, bem como ao próprio tradutor, passaram a ser levados em conta.

A partir dessa nova perspectiva, novas propostas teóricas/teorizações foram elaboradas. Dentre elas, podemos citar, principalmente, a *Teoria dos Polissistemas* (EVEN-ZOHAR, 1978), a noção de reescritura (LEFEVERE, 1992), os conceitos de estrangeirização e domesticação e de (in)visibilidade (VENUTI, 2008 [1995]). A partir dessas contribuições teóricas, sobre as quais

⁸ No entanto, como vimos na seção anterior, no caso específico da *Ciência da Tradução*, sua presença não se restringiu à terminologia, configurando-se como um paradigma teórico que tomava por base a noção de equivalência linguística.

discorreremos adiante, a equivalência linguística estrita se mostra realmente irrealizável na prática tradutória.

Ao propor a *Teoria dos Polissistemas*, Even-Zohar (1978) defende uma compreensão acerca da noção de sistema que é diferente daquela postulada por Saussure (1916). Isso porque, ao invés de definir sistema como um todo homogêneo e desvinculado de aspectos sócio-histórico-culturais, Even-Zohar (1978) afirma que esse é, na verdade, um polissistema, i.e., um sistema múltiplo. Para ele, os sistemas que formam o polissistema se intersectam. Com isso, o autor afirma a existência de um sistema literário dinâmico e contextualizado, sempre em inter-relação com outros sistemas, como o econômico, o político, o editorial, o religioso etc.

Assim, a literatura traduzida figuraria entre os vários sistemas que compõem o polissistema literário, que, por sua vez, está inserido no polissistema da cultura. No entanto, os vários sistemas que formam o polissistema não estão em posição de igualdade, mas fazem parte de uma hierarquia, o que inclui, por exemplo, a relação entre literaturas marginais e canônicas. Nesse sentido, o sistema da literatura traduzida poderia ocupar tanto uma posição central no polissistema literário, influenciando os cânones de determinada cultura, quanto uma posição periférica, sendo modelado pelas regras convencionalmente estabelecidas por uma dada cultura. Desse modo, pode-se dizer que a maior contribuição do autor foi considerar os textos traduzidos de forma integrada, relacionando-os à cultura de partida e à cultura de chegada.

Lefevere (1992), por sua vez, propõe, dentre outros conceitos, a noção de *reescritura*, a partir da qual defende que, apesar de os tradutores não serem

os responsáveis por escrever a literatura, seriam responsáveis por reescrevê-la. Isso porque a atividade tradutória seria ideologicamente comprometida, uma vez que as intervenções apresentadas no texto original acabariam sendo delineadas pela ideologia do momento da tradução. A partir dessa perspectiva, pode-se considerar que todos os tradutores são autores, uma vez que interferem diretamente no texto, efetuando escolhas a cada momento da tradução, além de serem os responsáveis pela recepção e pela sobrevivência de obras literárias, já que a grande maioria dos leitores não seria constituída por profissionais, i.e., críticos, professores, escritores, poetas etc. e deixariam de ler a literatura dos originais para lerem sua reescritura.

A partir de tais teorizações, pode-se dizer que o profissional de tradução deve ser considerado, entre outras coisas, como um intermediador de culturas. Isso porque é preciso, em seu trabalho, traduzir textos que representem uma dada realidade sócio-cultural para um interlocutor de outra realidade.

Partindo dessa perspectiva, discutiremos, adiante, a questão da ética na tradução. Também trataremos das noções de domesticação e estrangeirização e de (in)visibilidade do tradutor, uma vez que é nossa intenção demonstrar como o profissional da área pode assumir diferentes posicionamentos em relação à cultura de partida e à cultura de chegada.

2.3.1. A representação do outro na prática tradutória: alguns conceitos fundamentais

Uma contribuição importante para os *Estudos Culturais da Tradução* é o trabalho de Venuti (2008 [1995]), o qual sistematiza os conceitos de *domesticação* – tentativa de anulação da cultura de partida e valorização da

cultura de chegada – e de *estrangeirização* – manutenção das marcas da cultura de partida. Segundo o autor, o tradutor pode optar pela domesticação ou pela estrangeirização do discurso durante seu trabalho, efetuando escolhas a cada momento. No entanto, é preciso enfatizar que ambos os conceitos não atuam sempre em dicotomia, mas em acordo com as necessidades do profissional em ora manter as marcas da cultura de partida e ora inserir as marcas da cultura de chegada.

Venuti (2008 [1995]) trata também da (in)visibilidade do tradutor no processo tradutório. Assim, quando o profissional de tradução opta por uma postura domesticadora, ele se torna invisível no processo tradutório, uma vez que tentará apagar os elementos sócio-culturais que caracterizam o texto de partida. Por outro lado, ao priorizar uma postura estrangeirizadora, o tradutor passa a ser visível, considerando que aposta, nesse caso, na manutenção das diferenças sócio-culturais encontradas nos textos. O ideal, segundo o autor, é que o tradutor opte pela estrangeirização, com o intuito de indicar a presença de seu trabalho para o leitor.

Outra questão de fundamental importância para os Estudos de Tradução – e diretamente relacionada à adoção de uma postura domesticadora e/ou estrangeirizadora por parte do tradutor – são as relações éticas que se estabelecem na atividade tradutória. Desse modo, a seguir, discutiremos diferentes posicionamentos éticos que podem ser assumidos pelo tradutor.

Segundo o verbete disponível no dicionário Houaiss da língua portuguesa, o termo *ética* pode ser definido da seguinte maneira:

[...] 1.1. Doutrinas racionalistas e metafísicas [da filosofia], estudo das finalidades últimas, ideais e, em alguns casos, transcendentais, que orientam a ação humana para o máximo

de harmonia, universalidade, excelência ou perfectibilidade, o que implica a superação de paixões e desejos irrefletidos. [...]
2. Conjunto de regras e preceitos de ordem valorativa e moral de um indivíduo, de um grupo social ou de uma sociedade. [...]
(HOUAISS & VILLAR, 2001, p. 1271)

No entanto, o significado primário da palavra, que, segundo Ribeiro (2004 *apud* Oliveira, 2007), alude a valores e princípios de vigência forte e, até mesmo, de caráter absoluto, pode causar certo incômodo ao tradutor. Isso porque, como afirma Oliveira (2007), quando se pensa na prática tradutória, torna-se difícil imaginar apenas um tipo de ética, uma vez que o profissional de tradução precisa atuar em várias esferas, levando em conta não apenas os aspectos políticos, mas também as ideologias e as relações de poder que se desenvolvem nos diferentes contextos.

Nesse sentido, Berman (1995) e Venuti (2002 [1998]) defendem a ideia de que um tradutor é ético ao levar seus leitores ao reconhecimento da alteridade de um texto, estabelecendo um diálogo entre as diferentes tradições e culturas. Essa ética é chamada por Venuti (2002 [1998]) de *ética da diferença*, aquela que reconhece e destaca a presença do outro no discurso a ser traduzido. Em oposição à *ética da diferença*, Venuti (2008 [1995]) estabelece que a *ética da igualdade*, aquela que acaba diluindo o outro em um determinado contexto e incluindo características próprias da cultura de chegada, precisa ser justificada em espaços paratextuais da tradução, o que inclui prefácios, notas de rodapé e glossários, por exemplo. Isso quer dizer que a tentativa de se utilizar a ética da igualdade no corpo do próprio texto que está sendo traduzido, ou reescrito, pode ter como consequência a constituição de um “ambiente de inverdade”. Para os autores, nesse momento, a tradução acaba deixando de ser ética.

No entanto, Cardozo (2008) defende que, por mais que se privilegie a *ética da diferença*, sempre haverá um tipo de “violência” em relação ao outro. Afinal, todo esforço de relação com o outro implica inevitavelmente um ato de apropriação, tomando-o por uma imagem que dele fazemos. Dessa forma, conforme defende Rajagolapan (2000, p. 124 *apud* Cardozo, 2008, p. 184), “toda tradução e, porque não dizer, todo ato de compreender, passa por um ato de violência”. Isso porque toda tradução, por mais simples e despretensiosa que pareça, carrega as marcas de sua realização, o que inclui tempo, história, circunstâncias, objetivos e perspectiva de seu realizador. Assim, defende-se que nenhuma tradução é totalmente neutra ou literal, uma vez que a prática tradutória sempre invoca uma leitura contextualizada e individual do tradutor.

2.4. Conclusões

Neste capítulo, traçamos um breve panorama das abordagens teóricas que têm caracterizado, de modo geral, a área da tradução ao longo do tempo, discutindo as propostas apresentadas por estudiosos que defendem diferentes posturas acerca do processo tradutório. Dessa forma, tratamos da *Oficina Norte-americana de Tradução*, da *Ciência da Tradução* e dos *Estudos Culturais da Tradução*.

Buscamos, nesse sentido, (re)discutir a noção de equivalência, considerando a mudança de paradigma que se deu na área da tradução com o trabalho de Holmes (1972). Conforme demonstramos, quando se passam a considerar os fatores sócio-culturais envolvidos na tradução, e não apenas os aspectos puramente linguísticos, não há espaço para a noção estrita de equivalência linguística. Por isso, atualmente, muitos teóricos defendem a sua

impossibilidade, considerando que toda tradução envolve um tipo de apropriação da alteridade.

CAPÍTULO III

A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Este capítulo tem como objetivo fundamental apresentar alguns princípios da Sociolinguística Variacionista, partindo do pressuposto de que toda variedade linguística atua como índice de identidade de seus falantes (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001). Pretendemos discutir, nesse sentido, a perspectiva de que toda língua é socialmente determinada, heterogênea e sujeita às variações e mudanças relacionadas às transformações dos padrões sociais e ideológicos de uma dada comunidade linguística.

Assim, na primeira seção, apresentaremos um breve panorama do formalismo e do funcionalismo na Linguística, discutindo de que modo a Sociolinguística Variacionista integra o paradigma funcionalista ao considerar a língua a partir de seu efetivo uso. Na segunda seção, discutiremos como toda língua – e, mais especificamente, toda variedade linguística – atua como um índice de identidade de seus falantes. Por fim, na terceira seção, abordaremos trabalhos que buscam evidenciar – assim como propomos nesta pesquisa – as contribuições da Sociolinguística Variacionista para os Estudos da Tradução.

3.1. Formalismo e funcionalismo: duas faces de uma mesma moeda

A língua desempenha um papel basilar na vida dos seres humanos, uma vez que ela media interações e permeia atividades diárias. A capacidade de interagir com seus co-específicos através de um aparato segmentável e

passível de simbolismo – esse que, até o momento, evidencia-se exclusivamente humano –, continuamente tem despertado a curiosidade dos homens de diferentes culturas e momentos históricos. No entanto, somente no século XX, se deu o estabelecimento da Linguística enquanto ciência, a partir da obra póstuma de Saussure (1916), a qual se intitula *Curso de Linguística Geral*.

A Linguística, enquanto ciência que trata da linguagem verbal humana, compreende duas grandes correntes: o *formalismo* e o *funcionalismo*. Segundo Neves (1997), o formalismo é baseado na análise da forma linguística, enquanto os interesses funcionais são considerados secundários, ao passo que o funcionalismo já se concentra, predominantemente, na *função* das formas linguísticas. Já de acordo com Dillinger (1991), os formalistas entendem a língua como objeto descontextualizado, estudando unicamente seus constituintes e as relações que se estabelecem entre eles. Isso quer dizer que a língua é observada apenas no que se refere às suas características internas, sem considerar quaisquer relações entre os constituintes e seus significados ou entre a língua e o meio. Já os funcionalistas se preocupam com as relações entre língua e contexto de uso e suas diversas modalidades de interação social. Assim, nas subseções que se seguem, trataremos dessas duas perspectivas teóricas e estabeleceremos de que maneira a Sociolinguística Variacionista integra o paradigma funcionalista.

3.1.1. O formalismo linguístico: algumas considerações gerais

A partir da obra póstuma de Saussure (2006 [1916]), intitulada *Curso de Linguística Geral*, teve início o estruturalismo, que – juntamente com o gerativismo chomskyano (CHOMSKY, 1957, 1965, 1986, 1995, 2000) – constitui o formalismo na Linguística.

Para Saussure (2006 [1916]), o objeto de estudo da Linguística deveria ser a língua (*langue*), considerada da seguinte maneira: a) sistemática (uma estrutura fechada em si mesma); b) coletiva (no sentido de que não seriam consideradas as variações individuais da língua, mas apenas a “estrutura” linguística utilizada pela coletividade); c) autônoma (sua existência estaria desvinculada do indivíduo). Nesse sentido, o autor deixa fora do escopo da Linguística a fala (*parole*), a qual não seria sistemática, pois nela poderiam existir variações. Sob essa perspectiva, a fala seria individual, uma vez que sua efetivação estaria vinculada apenas ao sujeito, sendo, portanto, uma manifestação particular e momentânea, desvinculada da coletividade. Assim, estudar a língua deveria ser, exclusivamente, analisar as estruturas que a compõem e descrevê-las. Ainda segundo Saussure (2006 [1916], p. 21):

[...] Trata-se de um tesouro [a língua] depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo.

Através de tal visão, essencialmente formalista, o teórico defende que a língua deveria ser estudada sem que se considerassem os possíveis usos nas reais situações comunicativas e as variações linguísticas. A *langue*, concebida

como um sistema homogêneo, estanque, autônomo e descontextualizado, deveria ser o único objeto da Linguística.

Além da oposição entre língua e fala, Saussure (2006 [1916]) ainda propõe outras dicotomias, como *significante x significado*, *diacronia x sincronia* e *sintagma x paradigma*. A seguir, trataremos especificamente da dicotomia *significante x significado*, uma vez que ela sugere a estabilidade dos significados e remete a uma visão descontextualizada da língua.

Saussure (2006 [1916]), ao estabelecer a dicotomia *significante x significado*, postula que os significados são dados *a priori*, o que os levaria a serem considerados como estáveis e arbitrários. Isso quer dizer que um significante (imagem acústica / impressão psíquica do som) estaria sempre vinculado a um significado (conceito), o que se confirma com a afirmação de que a unidade linguística é uma “coisa dupla, constituída da união de dois termos” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 79). A partir de tal noção, excluem-se quaisquer possibilidades no que se refere a modificações de sentido, significados que se constroem socialmente, metáforas, gírias etc. Como afirma Saussure (2006 [1916], p. 85), “um indivíduo não somente seria incapaz, se quisesse, de modificar em qualquer ponto a escolha feita, como também a própria massa não pode exercer sua soberania sobre uma única palavra: está atada à língua tal qual é”.

Já Chomsky (1957), também formalista, é o principal representante do gerativismo, que, da mesma forma, fundamenta o estudo da língua num falante/ouvinte ideal. Para ele, portanto, a língua é também concebida como objeto autônomo em que seriam excluídos os aspectos sócio-histórico-culturais. Assim, o autor propõe a dicotomia *competência x desempenho*,

concebendo competência como um tipo de Gramática Universal (GU) – uma gramática interna ao falante, o qual possuiria um conhecimento inato no que se refere à língua. Já o desempenho configuraria o uso efetivo que o falante faz dessa língua internalizada em situações concretas.

Ainda para Chomsky (1957, p. 11), a língua envolveria apenas três elementos:

[...] as propriedades de som e significado, denominadas “traços”; os elementos que são montados a partir dessas propriedades, denominadas “unidades lexicais”, e as expressões complexas construídas a partir dessas unidades “atômicas”. Disto se segue que o sistema computacional que gera expressões possui duas operações básicas: uma ajunta traços montando itens lexicais, e a segunda, começando com itens lexicais, compõe objetos sintáticos maiores a partir dos já construídos.

Assim, a língua seria compreendida como um sistema meramente estrutural e considerada apenas a partir de suas propriedades fonéticas, lexicais e morfossintáticas. Os chamados *princípios universais*, os quais corresponderiam a características encontradas em todos os sistemas linguísticos, seriam resguardados de variações e mudanças, o que sinaliza a posição de Chomsky (1957) em relação às línguas e à sua invariabilidade.

Representado, então, pelo estruturalismo e pelo gerativismo, o formalismo linguístico, na última metade do século XX, passou a ser questionado pelos estudiosos do *funcionalismo*. A partir do surgimento desse novo paradigma, os estudos linguísticos passaram por grandes mudanças, como veremos na próxima seção.

3.1.2. O funcionalismo na Linguística e o advento da Sociolinguística Variacionista

Segundo Weedwood (2002, p. 144), na segunda metade do século XX, a Linguística sofreu um tipo de “guinada pragmática”. Isso quer dizer que, a partir de uma nova perspectiva de estudo, os linguistas deixaram de se preocupar estritamente com a estrutura da língua, direcionando sua atenção para os fenômenos ligados ao seu *uso*. A partir dessa noção, a língua deixou de ser concebida puramente como um código linguístico, para ser compreendida como objeto socialmente constituído.

Nesse contexto, surgiram algumas abordagens que partem do princípio de que a língua deve ser estudada a partir de seu contexto de uso. Nesse sentido, destacam-se, por exemplo, a Análise do Discurso, a Linguística Textual, a Pragmática, a Linguística de *Corpus* e a Sociolinguística Variacionista.

Assim, a partir do funcionalismo, a Linguística passou a ser considerada como uma ciência contextualizada e histórica, a partir da qual se privilegiam as transformações sucessivas da língua dentro de uma sociedade, a construção dos significados a partir dos diferentes usos, as diversidades e as variações linguísticas, assim como as diferentes situações comunicativas. Dessa forma, as análises linguísticas se baseiam, nesta perspectiva, na utilização concreta da língua pelos falantes.

A verdade é que, quando se pensa na língua enquanto objeto socialmente constituído, é impossível conceber a estabilidade dos significados, proposta por Saussure (2006 [1916]), através da dicotomia *significante x significado*. Por isso, os estudiosos que se pautam nas premissas do

funcionalismo linguístico investigam elementos que, segundo Cunha e Souza (2007, p. 15), “ultrapassam, portanto, o âmbito da estrutura gramatical, e buscam na situação comunicativa, que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo, a motivação para os fatos da língua”. Assim, para atingir o objetivo de estudar a língua em uso e suas motivações, geralmente, os linguistas baseiam suas pesquisas na análise de dados empíricos, sejam eles de fala ou de escrita, retirados de contextos reais de comunicação.

Ainda segundo Cunha e Souza (2007, p. 15), o funcionalismo se fundamenta em dois pressupostos gerais, a saber:

- (i) A língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico.
- (ii) Essas funções externas contribuem para moldar a organização interna do sistema linguístico.

Dessa forma, diferentemente do formalismo, o funcionalismo defende que a língua não é um sistema autônomo e fechado em si mesmo, devendo ser entendida em seu contexto de uso. Considera-se, assim, que o sistema linguístico sofre interferências do meio e que, portanto, toda língua apresenta variações e mudanças.

Partindo do princípio de que há uma intrínseca relação entre língua e sociedade e considerando que a língua deve ser estudada a partir do uso, foi formalmente instituída a Sociolinguística Variacionista, a partir da publicação, em 1968, da obra *Empirical foundations for a theory of language change*, de Weinreich, Labov e Herzog. Ao assumir a tarefa de estudar a covariação sistemática entre a estrutura linguística e a estrutura social ou, até mesmo, uma relação de causalidade entre essas dimensões, a Sociolinguística

Variacionista (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001) promoveu um redirecionamento dos estudos linguísticos, tratando a língua como heterogênea e considerando que essa heterogeneidade é sempre sistemática. A Sociolinguística Variacionista parte, portanto, do princípio de que a língua não é utilizada de forma homogênea por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme.

Sobretudo, a partir dos trabalhos de Labov (1972, 1982, 1994, 2001), a língua passou a ser concebida como socialmente determinada, heterogênea e sujeita às variações e mudanças relacionadas às transformações dos padrões sociais e ideológicos de uma dada comunidade linguística. Dessa forma, pode-se dizer que a heterogeneidade linguística reflete a heterogeneidade social.

Segundo Mollica (2008, p. 10), a Sociolinguística Variacionista considera “como objeto de estudo exatamente a variação [linguística], entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”. Dessa forma, é significativo destacar o aspecto dinâmico da língua, uma vez que essa está em constante fluxo de transformação, o que resulta em variações e mudanças, conforme abordaremos pontualmente adiante. No entanto, tais fenômenos não se dão de forma aleatória, mostrando-se equivocado o conceito saussuriano de “variação livre” – segundo o qual as variações seriam meras preferências estilísticas do falante –, mas ocorrem de maneira sistemática, uma vez que as línguas são contextualizadas com regularidade (MOLLICA, 2008).

O fenômeno da variação linguística pode, ainda, ser entendido como índice de identidade. Isso porque a língua está diretamente relacionada ao contexto em que se insere e, dessa forma, a variação é um fenômeno eminentemente social. Isso quer dizer que o uso de diferentes variedades linguísticas possibilita-nos reconhecer as características de um falante e/ou de uma determinada comunidade de fala. Assim, considera-se que os dialetos/socioletos que compõem cada comunidade linguística são representativos de realidades específicas.

Considerando-se os conceitos de variação e de mudança, vale ressaltar que um não apresenta o mesmo contorno que o outro, uma vez que ambos os processos se constituem de forma distinta. As mudanças, por exemplo, ocorrem de forma lenta e gradual, mas a competição (ou coexistência) de duas formas alternativas – o que representa a variação linguística – pode persistir por muitos anos em uma dada língua e não originar uma mudança linguística (CUNHA LACERDA, 2010). Isso quer dizer que nem toda variação conduz a uma mudança, mas que toda mudança implica a ocorrência de uma prévia variação. É importante considerar, ainda, que a natureza da variação e da mudança é sistemática, i.e., que tais fenômenos não se dão de maneira aleatória, uma vez que os interlocutores precisam compreender-se mutuamente para que uma interação seja possível.

No que se refere aos processos de variação linguística, de acordo com Coseriu (1980), esses podem ser considerados sob quatro diferentes perspectivas, a saber: (i) variação diacrônica, que caracteriza um processo de mudança no decurso do tempo; (ii) variação diatópica, que se constitui como processo de variação relacionado ao espaço geográfico; (iii) variação

diastrática, que compreende fatores como classe social, escolaridade, sexo, idade etc.; (iv) variação diafásica, que diz respeito ao grau de formalidade de acordo com as distintas situações comunicativas em que a língua é utilizada.

Dessa forma, a Sociolinguística Variacionista tem trazido relevantes contribuições para os estudos acerca da língua, avançando no que se refere a um olhar desprovido de preconceitos linguístico-sociais e considerando as diferentes variedades que se formam e se transformam continuamente no seio das diferentes comunidades de fala.

3.2. A língua como índice de identidade

Com o intuito de abordarmos aspectos relacionados às diferentes variedades linguísticas como representativas de cada comunidade, trataremos aqui, mais especificamente, do conceito de identidade, utilizando também, para tanto, teorizações de cunho sociológico.

Segundo o sociólogo espanhol Castells (2006, p. 22-23), a noção de identidade pode ser concebida como a fonte de significado e de experiência de um povo. Para ele,

[...] a identidade é o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados [...] A construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso.

A partir de tal ideia, pode-se inferir que a língua – e as variedades linguísticas que a constituem – se configura como “matéria-prima” estabelecida por fatores sócio-histórico-culturais. De acordo com Calhoun (1994, p. 9), “não

se tem conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja instituída”.

Um exemplo desse aspecto está presente no estudo realizado por Labov (1972), no ano de 1963, na ilha de *Martha's Vineyard*, nos Estados Unidos, a partir do qual se evidenciou o quanto a língua é capaz de apontar a identidade de seus falantes. Tal região, anteriormente ocupada apenas por pescadores e agricultores, ao longo do tempo, passou a receber um grande contingente de turistas na época do verão. A comunidade local, reagindo negativamente à novidade, passou a acentuar sua fala característica, centralizando os ditongos da língua inglesa /ay/ e /aw/, a fim de que, como nativos, fossem capazes de se distinguir dos demais falantes através da língua.

Dessa forma, mostra-se relevante tratar aqui pontualmente de três conceitos, tais como dialeto, socioleto e idioleto. Como reitera Cunha Lacerda (2010, p. 138), por dialeto compreende-se a realização regional – variação diatópica – de uma variedade linguística. As particularidades regionais não seriam fortuitas e/ou aleatórias, mas sim ocasionadas por fatores sócio-históricos, que, por sua vez, poderiam estar relacionados a situações de contato linguístico, processos migratórios etc. Ainda segundo a autora, o socioleto representa as variedades relacionadas a cada agrupamento linguístico a partir de sua classe social e de seu grau de escolarização – representando o que Coseriu (1980) designa como variação diastrática. Por sua vez, o idioleto se configura como a manifestação individual das variações linguísticas, baseando-se nas particularidades da fala de cada sujeito. É

relevante ressaltar, nesse sentido, que cada dialeto, socioleto e/ou idioleto é único, uma vez que representa realidades específicas.

Neste trabalho, analisaremos o socioleto *African American Vernacular English*, que é representativo, como discutiremos no Capítulo IV, da identidade de seus falantes, em sua maioria afro-americanos, além de ser essencialmente motivado por fatores sócio-histórico-culturais, o que, como veremos no Capítulo V, dificulta muito o trabalho do tradutor de *Beloved* ou de quaisquer outras obras que representem essa variedade linguística.

3.3. Sociolinguística Variacionista e tradução: uma revisão teórica

Poucos trabalhos voltados para a relação entre a Sociolinguística Variacionista e os Estudos da Tradução foram realizados no Brasil. Destacamos quatro deles, cujos autores são Tarallo (1991), Iwassa (2007), Cunha Lacerda (2010) e Soares *et. al.* (2011). Trataremos aqui, de forma pontual e sucinta, de algumas de suas contribuições e apontaremos – quando houver – suas principais lacunas.

Tarallo (1991), em sua obra, resalta que as contribuições que a Sociolinguística Variacionista pode trazer para a área da tradução se devem ao fato de que as estruturas linguísticas são condicionadas por normas sociais sujeitas a grandes variações entre as diferentes culturas. Nesse contexto, o autor utiliza o termo equivalência para tratar do ato tradutório. Para Tarallo (1991), o tradutor é um transportador de informação, cujo trabalho se resume a fazer equivalerem sistemas linguísticos distintos. Assim, segundo o autor, o profissional da área de tradução deve, frequentemente, percorrer “caminhos

árduos” em sua tentativa de equiparar sistemas formais radicalmente diferentes. Caberia ao tradutor, então, “sentir o texto de partida em sua totalidade de contextualização [relacionada aos aspectos extratextuais] e co-textualização [aspectos intratextuais]” (TARALLO, 1991, p. 44). Nesse sentido, o autor defende que, devido à tensão entre contexto e co-texto, o tradutor, em sua atividade prática, perceberá que certos registros linguísticos seriam mais “facilmente convertidos” para outra língua do que outros. Dessa forma, apesar de considerar que a estrutura linguística sofre influências do meio social, Tarallo (1991) acredita numa possível equivalência de registros linguísticos. Conforme sugere, mesmo que haja dificuldades no “transporte” de significados de uma língua para a outra, sempre será possível encontrar um equivalente do texto original.

Já Iwassa (2007) trata de alguns conceitos relacionados à questão da variação linguística, tais como *variação*, *variante*, *variável* e *variedade*, com o intuito de discutir aspectos relacionados às diferenças linguísticas e, conseqüentemente, às diferenças sócio-histórico-culturais envolvidas nos diferentes dialetos. No entanto, percebe-se que esses conceitos são, às vezes, utilizados de maneira imprecisa pela autora. Um exemplo pode ser encontrado no seguinte trecho:

Os falantes dessa **variante** [AAVE] consideram mais apropriado falar a língua inglesa na norma padrão em certas ocasiões (formais) e, em outros casos menos informais, utilizar o dialeto afro-americano” (IWASSA, 2007, p. 3) [grifo nosso].

Nesse caso, o termo *variedade* deveria ser empregado em vez de *variante*, uma vez que engloba, em seu conceito, todo um sistema linguístico e suas variações. *Variantes* são, por sua vez, como a autora mesma salienta,

diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Como exemplo, podemos citar as variantes “haver” e “existir”, que co-ocorrem no português brasileiro.

Além disso, Iwassa (2007, p. 5) defende que todas as línguas podem expressar tudo o que os falantes desejam comunicar. No entanto, elas diferem em termos do que é fácil ou difícil de expressar, do que é essencial ou opcional e do que é expresso lexical ou gramaticalmente. Nesse sentido, para a autora, a tradução consiste justamente no confronto entre duas línguas, considerando que as estruturas linguísticas de cada idioma são adaptadas por normas sociais sujeitas a grandes variações entre as diferentes culturas, o que sugere que a Sociolingüística Variacionista poderia trazer grande contribuição para a prática tradutória. No entanto, Iwassa (2007, p. 6) acaba defendendo uma possível equivalência linguística, sem deixar realmente claro o que se entende por esse conceito. Assim, segundo ela:

O ato tradutório coloca-se num plano de equivalência; o processo de fazer equivaler os dois sistemas linguísticos diferentes de maneira a se incidir em um mínimo de perda de informação, ou seja, cabe ao tradutor o trabalho de equivalerem sistemas linguísticos diferentes, ou seja, é preciso ter o conhecimento de problemas estruturais, linguísticos e culturais, indispensáveis para a compreensão de significados e para a manutenção de sua autenticidade [sic].

A autora ainda afirma que não há uma equivalência perfeita em todos os níveis, o que denota contradição em relação à afirmação apresentada na citação acima. Para ela, ainda, “a tradução deve ser trabalhada não somente através de decodificação, na passagem de um texto para outro, mas alcançando o sentido ou idéia principal do texto” (IWASSA, 2007, p. 7). Assim, o que se percebe é que há, em seu trabalho, alguma confusão no que diz

respeito aos conceitos linguísticos utilizados e à própria concepção do que realmente consiste o processo tradutório.

Já a proposta de Cunha Lacerda (2010) se apresenta bastante consonante com a proposta apresentada neste trabalho. Através de uma discussão teórica pautada em pressupostos dos Estudos da Tradução e da Sociolinguística Variacionista, a autora defende que a noção clássica de equivalência realmente não dá conta da atividade tradutória, uma vez que cada variedade linguística reflete, de maneira bastante particular, a realidade sócio-histórico-cultural da comunidade linguística que a utiliza. Desse modo, para ela, por mais que o tradutor busque equivalências entre a língua de partida e a língua de chegada, nunca haverá uma representação efetiva e total das variedades linguísticas que caracterizam o texto original, ou seja, o tradutor não poderá refletir, em sua plenitude, os dialeto(s) e/ou socioleto(s) que o autor do original buscou representar em sua obra.

Assim, para Cunha Lacerda (2010, p. 140), o tradutor deve caminhar, do ponto de vista linguístico, para “uma perspectiva mais contextualizada, que levará em conta que a língua é dinâmica e multifacetada”. Assim, a autora defende um tipo de correspondência entre dialetos e socioletos distintos (o que envolveria considerar os contextos de uso das línguas, as relações entre os interlocutores e as diversas intenções comunicativas), mas não o estabelecimento de equivalências estritas.

Já o trabalho de Soares *et. al.* (2011) busca refletir sobre o equívoco da noção de equivalência na tradução. A partir da discussão empreendida, as autoras defendem que a noção de equivalência linguística estrita não oferece subsídios para a abordagem de todas as relações que se estabelecem em uma

dada língua. Desse modo, também de forma bastante consonante com o trabalho que ora propomos, as autoras procuram demonstrar como a Sociolinguística Variacionista pode contribuir, de forma bastante significativa, com os Estudos da Tradução. Como defendem Soares *et. al.* (2011), a Sociolinguística Variacionista ajuda a ratificar que a tradução é uma atividade contextualizada, que deve sempre levar em consideração os aspectos culturais relacionados tanto ao texto-fonte quanto ao texto-alvo.

3.4. Conclusões

Neste capítulo, apresentamos algumas considerações acerca das duas grandes vertentes da Linguística: o formalismo e o funcionalismo. Além disso, tratamos dos principais fundamentos da Sociolinguística Variacionista, considerando, sobretudo, a ideia de que a variação linguística atua como índice de identidade. Isso quer dizer que o uso de diferentes variedades linguísticas possibilita-nos reconhecer as características de um falante e/ou de uma determinada comunidade linguística.

Realizamos, ainda, uma revisão teórica dos trabalhos de Tarallo (1991), Iwassa (2007), Cunha Lacerda (2010) e Soares *et. al.* (2011), que têm como objetivo fundamental demonstrar – assim como propomos nesta pesquisa – as contribuições da Sociolinguística Variacionista para os Estudos da Tradução. Nesse sentido, apontamos suas contribuições e suas principais lacunas.

CAPÍTULO IV

O AFRICAN AMERICAN VERNACULAR ENGLISH E A IDENTIDADE AFRO-AMERICANA

Este capítulo tem por intuito discutir alguns aspectos sócio-histórico-culturais relacionados ao *African American Vernacular English* (AAVE) bem como evidenciar algumas de suas principais características. Essa variedade linguística – que compreende um socioleto – se difere bastante do *Standard English* por apresentar marcas linguísticas particulares nos níveis fonético, morfológico, sintático e lexical.

Na primeira seção, apresentaremos a definição de AAVE e, posteriormente, discutiremos a estigmatização social desse socioleto. Na segunda seção, apresentaremos algumas hipóteses acerca do seu surgimento, considerando o que a literatura apresenta a respeito do assunto. Na terceira seção, realizaremos uma compilação das características morfossintáticas, lexicais e fonéticas apresentadas por Jokinen (2008), Karvonen (2009), Morano (2000), Baumann *et. al.* (2006) e Iwassa (2007), as quais servirão de base para o próximo capítulo. E na quarta seção, discorreremos sobre alguns trabalhos anteriormente realizados que abordam a tradução do AAVE.

4.1. O que é o AAVE?

O AAVE pode ser entendido, segundo Morano (2000), como um termo que designa um contínuo de variedades, as quais apresentam algumas características similares, mas várias outras bem diferentes do inglês padrão. E

são justamente as diferenças que fazem com que essas variedades sejam tão representativas de comunidades específicas e, num sentido mais amplo, de toda a comunidade afro-americana.

No entanto, aqui, assumiremos o AAVE como uma unidade linguística, apesar de reconhecermos as variações e mudanças que se processaram (e que ainda se processam) nas suas diferentes realizações – as quais apresentam similaridade de traços e muitos pontos em comum –, incluídas sob essa denominação.

No contexto norte-americano, o AAVE é considerado uma variedade não-padrão, cujas marcas estão em todos os níveis, incluindo o fonético, o morfológico, o sintático e o lexical. Pode-se dizer, ainda, que hoje ele é falado não apenas por uma maioria de negros nos Estados Unidos, mas também por uma significativa parcela de brancos. Vale destacar aqui que o AAVE – que também atende por outros nomes, como *African American English*, *Black English*, *Black Vernacular*, *Black English Vernacular* e *língua ebônica* – tem sido, ao longo do tempo, estigmatizado e considerado como uma variedade inferior, de menor prestígio social.

Pode-se dizer que os falantes do AAVE sofrem, muitas vezes, com o preconceito linguístico, que se baseia na crença de que só existe uma única língua inglesa, aquela que é ensinada nas instituições de ensino, explicada nos livros de gramática normativa e catalogada nos dicionários. Assim, qualquer manifestação linguística que fuja do “triângulo escola-gramática-dicionário” é considerada “errada”, “feia”, “rudimentar” (BAGNO, 2008, p. 56).

Como afirma Trudgill (2000 [1974], p. 2), “dialetos não são bons ou maus, agradáveis ou desagradáveis, certos ou errados – eles são

simplesmente diferentes uns dos outros”. A partir dessa perspectiva, não se deve conceber uma variedade linguística como inferior ou superior a outra, mas apenas como diversa. Dessa forma, apesar de todo o preconceito linguístico relacionado ao AAVE, sabemos, com toda certeza, que tal variedade não se originou de um “mau uso” da língua inglesa e que sua motivação perpassa relevantes aspectos sócio-histórico-culturais. Considerando essa perspectiva, apresentaremos, na próxima seção, algumas hipóteses acerca de sua origem.

4.2. O surgimento do AAVE

Para uma melhor compreensão acerca das hipóteses que envolvem o surgimento do AAVE, mostra-se relevante discutir as noções de *pidgin* e *crioulo*. Contudo, é preciso ressaltar que suas definições sofrem muitas variações na literatura que trata de línguas em/de contato, constituindo matéria para um trabalho futuro. Assim, discutiremos, a seguir, de forma sucinta, esses conceitos.

Segundo Holm (2000), o *pidgin* é uma língua alternativa, resultante do contato entre grupos que não têm uma língua em comum. Para o autor, tal variedade surge e é utilizada, em especial, para o desenvolvimento de atividades comerciais entre os falantes de diferentes línguas.

Para Myers-Scotton (2006, p. 278), o termo “pidnização” não deve ser compreendido como um tipo de “simplificação”, uma vez que tanto *pidgins* quanto crioulos são línguas “reais”, bem formadas de acordo com as condições em que se encontram os seus falantes. No entanto, Trudgill (2000 [1974]), p. 167) defende que o *pidgin* é derivado de uma língua “normal” através de

consideráveis simplificações, reduções e interferências, o que indica uma visão oposta à da autora.

Já o ecolinguista Couto (2009) defende que o *pidgin* é um meio de comunicação que surge quando povos falantes de línguas mutuamente ininteligíveis entram em contato, e esse contato perdura. Por ser uma língua que não tem falantes nativos e pela qual não há um sentimento de fidelidade, essa é abandonada, em algum momento, pelas diferentes partes.

Quanto à língua crioula, Calvet (2002, p. 55) defende que essa é “uma língua como as outras, cuja única característica específica está em seu modo particular de emergência”. Mufwene (2008, p. 128), por sua vez, defende que o desenvolvimento dos crioulos não tem sido tão “atípico” ou “não natural”, uma vez que há similaridades com o desenvolvimento de outras línguas. Assim, quanto à emergência das línguas crioulas, há algumas controvérsias.

A esse respeito, Couto (2009) defende que a *crioulização* seria o término de um processo que pode se iniciar com a *pidnização*, constituindo-se no momento em que se cristaliza uma língua, uma Gramática (G). Para ele, o crioulo não é necessariamente a continuação de um *pidgin* prévio (que seria aprendido pelas crianças como língua nativa, processo denominado *nativização*), mas também poderia ser resultado do agrupamento heterogêneo de pessoas (que acabam desenvolvendo uma língua mista própria para todas as situações, o que é chamado de processo de *comunitarização*). Contudo, alguns autores defendem a *nativização* como condição para a formação de uma língua crioula, como é o caso de Trudgill (2000 [1974]). Considerando tais reflexões, discutiremos, a seguir, as duas principais hipóteses para o surgimento do AAVE: (a) crioulistica e (b) dialetologista.

A primeira hipótese, chamada de crioulística, supõe que o AAVE tivera sua origem como um *pidgin* do Oeste africano e que, mais tarde, teria se transformado em um crioulo. Pode-se inferir, então, a existência de um processo de nativização nesse caso. Nesse contexto, durante o período de escravidão nos Estados Unidos, teria havido um tipo de competição, de coexistência entre as línguas faladas por pessoas de diferentes culturas, o que inclui as línguas africanas, o inglês *pidgin*, o inglês crioulo falado em regiões voltadas para a agricultura e o inglês padrão.

A segunda hipótese é a dialetologista, a qual parte do princípio de que o AAVE nunca teria sido um crioulo. Na verdade, tal socioleto teria sido desenvolvido pelos escravos, uma vez forçados, por sua situação social, a aprenderem a língua inglesa. No entanto, como esses não tiveram acesso às instituições de educação formal, teriam acabado por desenvolver um inglês distinto do padrão. De acordo com essa hipótese, algumas características e padrões do AAVE também poderiam ser encontrados em outras variedades de língua inglesa, em especial nos dialetos do Sul dos Estados Unidos e nas áreas colonizadas pelos afro-americanos. Isso porque os escravos e os brancos sulistas estavam inseridos no mesmo contexto escravocrata, embora desempenhassem diferentes papéis e, ao longo do tempo, teriam tido um intenso contato linguístico, conforme discutimos no Capítulo I. Assim, possivelmente, o AAVE teria se diferenciado tardiamente do inglês do Sul, o que justificaria, em partes, as semelhanças entre tais variedades.

Independentemente de sua origem, o que podemos afirmar, com certeza, é que o AAVE apresenta várias diferenças em relação ao *Standard*

English. Assim, apresentaremos, na próxima seção, algumas características estritamente linguísticas da variedade em questão.

4.3. As características linguísticas do AAVE

Nesta seção, realizaremos um levantamento sistemático das características linguísticas do AAVE apresentadas por Jokinen (2008), Karvonen (2009), Morano (2000), Baumann *et. al.* (2006) e Iwassa (2007), as quais podem ocorrer em todos os níveis da língua⁹.

De acordo com Jokinen (2008, p. 2-6), o AAVE pode apresentar as seguintes características:

Quadro 1 - Características do AAVE de acordo com Jokinen (2008, p. 2-6)

CARACTERÍSTICAS	EXEMPLOS ¹⁰
1. Uso de léxico e expressões linguísticas próprias	Balla: a man with money and material possessions Bopper / chickenhead: a woman who is interested in gaining material things ting an' Ting: exactly alike.
2. Omissão dos verbos is e are para indicar estados e ações presentes	He tall – “He is tall.” They running – “They are running.”
3. Uso de be para aspectos habituais	He be walkin’ – “He usually walks.”
4. O termo steady intensifica algo que é repetitivo	Them students be steady trying to make a buck. – “Those students are always working diligently to make money.”

⁹ Destacamos aqui que, neste levantamento, procuramos manter os termos utilizados pelos próprios autores.

¹⁰ No que se refere aos exemplos, optamos por fornecer, sempre que possível, à direita da ocorrência apresentada pelo autor acerca do AAVE, sua configuração no *Standard English*.

5. Been ou bin átonos são usados para indicar presente perfeito. Já BIN tônico indica algo que aconteceu há muito tempo	He been sick. – “He has been sick.” She BIN married. – “She has been married a long time.”
6. Uso de be para indicar futuro	He be here tomorrow. – “He will be here tomorrow.”
7. Done marca uma ação completa, e be done é utilizado para futuro/perfeito condicional	He done did it. – “He’s already done it.” She be done had her baby. – “She will have had her baby.”
8. Finna indica algo que acontecerá num futuro imediato	He finna go. – “He’s about to go.”
9. O uso de come mostra a indignação do falante em relação a uma ação	Don’t come acting like you don’t know what happened. – “Don’t try to act as if you don’t know what happened.”
10. Uso duplo de modais, como may can , might can ou might could e must don’t	O autor não apresenta exemplo representativo para esta característica.
11. Liketa é utilizado para algo que aconteceu recentemente, e poseta é uma forma de is supposed to	I liketa drowned. – “I nearly drowned.” You don’t poseta do it that way. – “You’re not supposed to do it that way.”
12. A marca –s de terceira pessoa do singular do tempo presente é omitida e don’t e have são usados em terceira pessoa	He walk . – “He walks.” He don’t sing. – “He doesn’t sing.” She have it. – “She has it.”
13. As formas singulares is e was são utilizadas para plural	They is some crazy folk. – “They are crazy people.” We was there. – “We were there.”
14. As formas de passado simples são usadas para o particípio passado e vice-versa. As	He had bit . – “He had bitten.”

formas de presente também podem ser usadas para marcar o tempo passado	She seen him yesterday. – “She saw him yesterday.”
15. Ain’(t) é utilizado como um pré-verbo geral de negação	He ain’ here – “He isn’t here” He ain’ do it – “He didn’t do it.”
16. Sistema de dupla negação	He don’t never do nothing .
17. Nas perguntas diretas, o sujeito e o verbo auxiliar não são invertidos	Why I can’t play? – “Why can’t I play?”
18. Em sentenças existenciais, utiliza-se it no lugar de there is	It’s a school up there – “There’s a school up there.”
19. Ausência de possessivo e plural em -s	John house – “John’s house” two boy – “two boys”
20. Plurais associativos são marcados com (th)em ou nem	Felician an’ (th)em or Felician nem . – “Felician and her friends”
21. O possessivo de segunda pessoa do plural é marcado com y’all e a terceira pessoa do plural com they	It’s y’all ball – “It’s your ball” It’s they house – “It’s their house”
22. Alguns pronomes relativos são omitidos	That’s the man come here. – “That’s the man who came here.”
23. Consoantes em final de palavra não são pronunciadas	han’ – “hand” pos’ – “post”
24. O r é omitido da sequência thr	thowdown – “throwdown”
25. Após uma vogal, l e r são apagados ou sonorizadas	he’p – “help” sistuh – “sister”
26. O th é pronunciado t , f , d ou v	tin – “thin” baf – “bath” den – “then” bruvver – “brother”

27. As sílabas str são pronunciadas como skr	skreet – “street” deskroy – “destroy”
28. O ng das formas gerúndias é reduzido a n	walkin’ – “walking”
29. Consoantes adjacentes são transpostionadas	aks - “ask” waps – “wasp”
30. Algumas vogais sofrem mudanças. Por exemplo, ing e ink passam a ang e ank	thang – “thing” drank – “drink”
31. As primeiras sílabas se tornam átonas em casos em que a sílaba átona seria a segunda	“políce” – “police” “hotél” – “hotel”

Já de acordo com Karvonen (2009, p. 6-9), as seguintes características podem ser citadas:

Quadro 2 - Características do AAVE de acordo com Karvonen (2009, p. 6-9)

CARACTERÍSTICAS	EXEMPLOS ¹¹
1. No tempo presente, o verbo não é marcado, então, a mesma forma serve para todas as pessoas e números. Há, ainda, ausência de terceira pessoa marcada em –s	He run to the store – “He runs to the store
2. Há ausência de cópula no tempo presente	“ She walking too fast” – She is walking too fast
3. Quando uma condição é permanente, a cópula é omitida	“She my mother’ - She is my mother’
4. Para indicar passado recente, usa-se done + forma verbal	That’s the second time he done told me that – “That’s the second time he has told me that”
5. O passado remoto (has been) é indicado	My friend been ill – “My friend has

¹¹ No que se refere aos exemplos, optamos por fornecer, sempre que possível, à direita da ocorrência apresentada pelo autor acerca do AAVE, sua configuração no *Standard English*.

com BEEN . Às vezes, pode ser indicado por BIN , o qual enfatiza a ação	been ill I BIN knew that – “I have known that for a long time”
6. Em lugar do futuro will , é usado a	I'm a buy me a car – “I will buy a car”
7. BE é utilizado para indicar will be	You know she be getting home soon – “You know she will be getting home soon.”
8. O uso de BE pode expressar um evento que ocorra frequentemente	I be tired – “I’m always tired”
9. Steady é utilizado para expressar uma atividade que se dá de forma intensa e consistente	They steady talking – “They continue to talk”
10. Uso de múltipla negativa	Ain’t nothing you can’t do. – “There isn’t anything that you can’t do”.
11. O uso de ain’t também indica negação em uma sentença que não apresenta cópula ou que esteja no tempo passado	They ain’t going to the show. – “They aren’t going to the show”.
12. As perguntas podem ser formadas sem o uso de auxiliares no começo das sentenças	You know his name? – “Do you know his name?”
13. DO pode ser usado em posição inicial em uma sentença denotando uma ação habitual.	Do it be dark? – “Is it usually dark?”
14. As sentenças relativas não são obrigatoriamente introduzidas por um pronome relativo, como ‘that’ ou ‘who’	We got one girl be here every night. – “There is one girl who is here every night.”
15. O possessivo -s não é marcado	That’s my mama house. – “That is my mother’s house.”
16. A terceira pessoa do pronome masculino dativo é pronunciado ‘hissself’ no lugar de ‘himself’	O autor não apresenta exemplo representativo para esta característica
17. Há o apagamento de sílabas fracas em	‘bout – “about”

palavras	gov'ment – “government”
18. Especialmente no que se refere às fricativas sonoras, o [th] inicial passa a [d]	[douz] – “those” [diz] – “these”

No que se refere à Morano (2000, p. 7), apenas três características do AAVE, compiladas no quadro 3, estão presentes em seu trabalho:

Quadro 3 - Características do AAVE de acordo com Morano (2000, p. 7)

CARACTERÍSTICAS	EXEMPLOS ¹²
1. Ausência de -s na terceira pessoa do singular	He need a book – “He needs a book”.
2. Múltipla negação	I didn't have no lunch. – “I didn't have lunch”.
3. Uso de be para indicar hábito	The coffee be cold. – “The coffee is always cold”.

Já de acordo com Baumann *et. al.* (2006, p. 4-13), as seguintes peculiaridades do AAVE podem ser listadas:

¹² No que se refere aos exemplos, optamos por fornecer, sempre que possível, à direita da ocorrência apresentada pelo autor acerca do AAVE, sua configuração no *Standard English*.

Quadro 4 - Características do AAVE de acordo com Baumann *et. al.* (2006, p. 4-13)

CARACTERÍSTICAS	EXEMPLOS ¹³
1. Consoantes que ocorrem em final de palavra não são pronunciadas	tes – “test”
2. O morfema de tempo passado <i>-ed</i> é completamente apagado; assim, não há mais diferença entre a forma de passado e de presente	pick – “picked”
3. O /th/ sonoro é pronunciado como /d/ quando localizado no início da palavra	dis – “this”
4. O /th/ sonoro é pronunciado como /v/ se localizado no meio ou no final de palavra	brover – “brother”
5. /th/ no meio de palavra é pronunciado como /f/ ou /t/	mont / monf – “month”
6. Algumas vezes, o /r/ ou o /l/ em meio ou final de palavra são apagados ou sonorizados	hep - “help”
7. O /str/- cluster em início de palavra pode ser substituído por is /skr/	skreet – “street” skrawberry – “strawberry” skrech – “strech”
8. O -ing é reduzido a -in	talkin – “talking”
9. O ditongo /ai/ em palavras como time and side se torna monotongo	sa:d – “side” ta:m – “time”
10. Ausência de marcação de terceira pessoa do singular –s	O autor não apresenta exemplo representativo para esta característica.
11. O presente perfeito é expresso pela forma de passado simples	O autor não apresenta exemplo representativo para esta característica.

¹³ No que se refere aos exemplos, optamos por fornecer, sempre que possível, à direita da ocorrência apresentada pelo autor acerca do AAVE, sua configuração no *Standard English*.

<p>12. O futuro will pode ser fonologicamente reduzido em ma ou expresso por gonna ou gon</p>	<p>I'ma eat / I gon eat – "I will eat".</p>
<p>13. Ain't é frequentemente usado no lugar de haven't e isn't</p>	<p>Bruce ain't taking calculus this semester.</p> <p>I ain't been eating in there since December.</p>
<p>14. Os auxiliares podem ser deixados de lado em perguntas. A distinção entre uma pergunta e uma afirmação se dá apenas pela entonação</p>	<p>Bob here? – "Is Bob here?"</p> <p>Bob left? – "Have Bob left?"</p>
<p>15. Finna (ou fixina, fixna e fitna) antecede o infinitivo e indica que algo acontecerá num futuro próximo</p>	<p>I don't know about you, but I'm finna leave. – "I don't know about you, but I'm getting ready/about to leave".</p>
<p>16. A forma steady antecede verbos com -ing e é utilizado para expressar intensidade e consistência de ações</p>	<p>Now that you got the new life, Satan steady bothering you. – "Now that you have a new life, Satan is consistently trying to make you sin".</p>
<p>17. Come pode anteceder o verb -ing e, basicamente, indica a revolta do falante diante de seu interlocutor</p>	<p>You the one come telling me it's hot. I can't believe you got your coat on. – "You're the one who had the nerve to tell me that it's hot. I can't believe you've got your coat on".</p>
<p>18. Múltipla negativa</p>	<p>I ain't never seen nobody preach under announcements. – "I have never seen anyone preach while they're giving announcements".</p>
<p>19. Sentenças existenciais podem ser introduzidas por it ou dey</p>	<p>It's some coffee in the kitchen.</p> <p>Dey some coffee in the kitchen.</p>
<p>20. Ausência de pronomes relativos</p>	<p>There are many mothers [Ø don't know where their children are]. – "There are many mothers who don't know where their children are"</p>
<p>21. O -s verbal pode ser utilizado como</p>	<p>He called me Wednesday</p>

marcador discursivo, em contextos em que não ocorreria normalmente	afternoon and asked, “Do you want to go to the movies”... so I gets in the car.
22. Uso de léxico específico	Phat – excellent, good looking Wiggers – brancos que tentam agir como pessoas negras.

Quanto ao estudo de Iwassa (2007, p. 4-5), são levantadas as seguintes características do AAVE:

Quadro 5 - Características do AAVE de acordo com Iwassa (2007, p. 4-5)

CARACTERÍSTICAS	EXEMPLOS ¹⁴
1. O uso do pronome impessoal one não se refere a uma pessoa específica, mas a qualquer pessoa ou pessoas em geral	One should always tell the truth. One can really get bored listening to Dr. Foster’s endless stories.
2. One ainda é usado para referir-se a si mesmo usando one , one’s ou oneself	One is never satisfied with what one has. I think one shouldn’t take oneself too seriously.
3. You também usado como pronome impessoal para referir-se a uma pessoa, qualquer pessoa e pessoas em geral.	You should always try to be friendly to your neighbors.
4. O verbo to be é frequentemente omitido	We goin’ fishin’ tomorrow – “We are going to fish tomorrow”.
5. Uso de is para todas as pessoas, singular e plural.	They is hungry – “They are hungry”
6. É comum utilizar be para todas as pessoas, singular, plural, em sentenças nas quais o verbo seria normalmente conjugado	We be hungry. – “We are hungry” We be leavin’ now – “We are

¹⁴ No que se refere aos exemplos, optamos por fornecer, sempre que possível, à direita da ocorrência apresentada pelo autor acerca do AAVE, sua configuração no *Standard English*.

	leaving now”.
7. Quanto ao verbo to be conjugado no passado (was/were), utiliza-se somente was para todas as pessoas, singular e plural	Was they gonna buy the whisky? We was within’ (watching) TV when it happened.
8. Ain’t é usado para todas as pessoas	I ain’t know that. – I do not know that.
9. Presença de dupla negativa	I didn’t go nowhere – “I went nowhere”. It ain’t no spoon – “There isn’t a spoon”.
10. Omissão do verbo to be , o que é observado também em frases interrogativas	You crazy! – “You’re crazy!” She my sister – “She’s my sister” Where you at? – “Where’re you at?”
11. Os verbos da terceira pessoa do presente simples não são conjugados, ou seja, não há -s no final dos verbos	She write poetry – “She writes poetry”.
12. Alteração na sintaxe	Why they ain’t growing? – “Why aren’t they growing?”
13. Léxico próprio	O autor não apresenta exemplo representativo para esta característica.

Pode-se observar que, dentre os cinco trabalhos levantados para a caracterização do AAVE, estão presentes vários traços em comum, mas, às vezes, descritos de modo diferente. Dessa forma, no Capítulo V, selecionaremos as doze características mais recorrentes na literatura de Jokinen (2008), Karvonen (2009), Morano (2000), Baumann *et. al.* (2006) e Iwassa (2007), a fim de verificarmos se essas são realmente representativas do

AAVE na obra *Beloved*, de Toni Morrison, ao mesmo tempo em que discutiremos suas traduções para a língua portuguesa a partir das escolhas tradutórias da profissional *Evelyn Kay Massaro*. Destacamos aqui que, no Capítulo V – mais precisamente na seção 5.1. –, apresentaremos os critérios e procedimentos que subsidiaram nossa análise.

4.4. O AAVE em tradução: uma revisão teórica

Alguns estudos, voltados para as peculiaridades da tradução do AAVE, já foram realizados no Brasil. Dessa forma, destacamos três deles, cujos autores são, respectivamente, Cunha (1995), Silva (2004) e Gonçalves (2010). Assim, trataremos aqui sucintamente da abordagem teórica de cada um e de suas contribuições para os Estudos da Tradução.

O trabalho de Cunha (1995), intitulado “*Beloved* x *Amada* de Toni Morrison: o inglês negro vernacular, o Pidgin e o crioulo na tradução”, difere da proposta do presente trabalho, uma vez que a autora, partindo da existência de universais da linguagem, defende a possibilidade de se trabalhar com problemas linguísticos e culturais envolvidos no processo de tradução. Assim, para ela, os universais linguísticos dão conta de quaisquer dificuldades enfrentadas pelo tradutor, tornando possível a tradução estrita de qualquer língua.

Tais universais linguísticos seriam “traços suscetíveis de serem encontrados em todas as línguas e nas culturas expressas por tais línguas”, o que incluiria as “faculdades cognitivas genéticas que a mente humana possui” (CUNHA, 1995, p. 16). Como acreditamos, não existe qualquer relação de

ordem genética quando se fala em tradução, já que os universais linguísticos não dariam conta de todas as variações linguísticas condicionadas por fatores sociais. Além disso, não se deve defender uma suposta “facilidade” no trabalho de tradução, pois, como se sabe, não é tão simples (ou mesmo possível) reproduzir uma realidade única e específica em qualquer outra língua e/ou variedade linguística.

Discordamos, ainda, de algumas noções defendidas por Cunha (1995). Para a autora, o conceito de “dialeto” seria “qualquer variação que ocorre numa língua, variação essa caracterizada por diferenças sistemáticas na pronúncia, na gramática e no vocabulário” (CUNHA, 1995, p. 19). No entanto, um “dialeto” não deve ser considerado como uma “variação”, já que uma variação não implica a formação de um dialeto por si só. Na verdade, pode-se dizer que um dialeto é uma “variedade” por se constituir de muitas variantes linguísticas, essas que podem ocorrer/emergir tanto na coletividade quanto em nível individual.

Assim, Cunha (1995) apresenta, em seu trabalho, a concepção de língua enquanto entidade universal. O que se percebe é que, apesar de não citar Chomsky (1957, 1965, 1986, 1995, 2000), a autora considera os princípios (leis gerais válidas para todas as línguas naturais) em detrimento dos parâmetros (características que podem ou não ser instanciadas por uma língua, as quais seriam responsáveis pelas variações existentes entre os diferentes sistemas linguísticos), mesmo quando se fala em tradução, deixando de lado os aspectos sócio-histórico-culturais de uma língua que não podem ser totalmente reproduzidos em outra.

Já o trabalho de Silva (2004) aborda pertinentes questões acerca da Teoria dos Polissistemas (EVEN-ZOHAR, 1978), dos conceitos de visibilidade e invisibilidade na tradução (VENUTI, 2008 [1995]) e aspectos relacionados à formação de identidades culturais (VENUTI, 2002 [1998]), bem como discute as controvérsias no que se refere às possíveis origens do AAVE e alguns pontos relevantes no que tange à tradução da obra *The Bluest Eye* (1970), de Toni Morrison.

Nesse contexto, a autora defende que a melhor opção para a realização de uma tradução da obra *The Bluest Eye* (1970) seria uma tentativa de aproximação entre o AAVE, contextualmente norte-americano, e o linguajar de grupos negros situados no contexto brasileiro ou, até mesmo, uma tentativa de utilização de um português não-padrão e mais coloquial.

O que defendemos, neste trabalho, é que tais opções mostram-se importantes e válidas se, e somente se, o profissional tiver a consciência, durante a realização de seu trabalho, de que não é possível recuperar totalmente a variedade do original em qualquer outra variedade existente. Desse modo, acreditamos que qualquer dialeto do português escolhido para a realização da tradução do AAVE seria apenas uma tentativa de demonstrar que na obra há diferenças de linguagem entre os personagens devido às suas origens e vivências diversas, assim como diferenças em relação à língua-padrão. Essas escolhas, mesmo sendo relevantes nesse sentido, não são capazes de recuperar uma identidade linguístico-cultural particular e representativa de uma realidade única.

No entanto, isso não quer dizer que o trabalho do tradutor seja impossível e/ou inútil, porque, mesmo que não se possa recuperar totalmente

um dialeto e/ou socioleto, dadas as suas especificidades, outros recursos podem ser utilizados para levar o leitor do texto traduzido a (re)conhecer a realidade da obra original, bem como para cumprir efetivamente o papel do tradutor como intermediador de culturas, tal como a utilização dos paratextos, dos quais trataremos no Capítulo V. Como acreditamos, deixar de lado esses recursos pode anular a visibilidade do profissional de tradução, o qual acabaria por adotar uma postura domesticadora (VENUTI, 2008 [1995]), tornando-se invisível no processo tradutório.

Vale ainda destacar que Silva (2004) defende, de forma bastante pertinente, que há a necessidade, por parte dos tradutores, da aquisição de uma consciência crítica em relação às peculiaridades do processo tradutório, uma vez que eles podem contribuir tanto para a manutenção de valores e práticas domésticos quanto para a sua inovação. Assim, pode-se dizer que, mesmo que apresente uma abordagem mais voltada para os aspectos contextuais e literários da obra *The Bluest Eye* (1970), diretamente ligados às particularidades da tradução, há uma preocupação latente, no trabalho de Silva (2004), com os aspectos sociais da linguagem, ao mesmo tempo em que existe a consciência de que o uso da língua marca a identidade de seus falantes – ainda que a autora não tenha tido o objetivo de utilizar conceitos linguísticos como aporte teórico.

Já para Gonçalves (2010), as obras *The Color Purple*, de Alice Walker, e *Beloved*, de Toni Morrison, apresentam o AAVE como uma forma de expressar a resistência do negro norte-americano. Por isso, para o autor, um tradutor deveria manter os traços do AAVE no português, o que, como defendemos, é impossível quando se fala em línguas e realidades sócio-histórico-culturais

diferentes. Nesse sentido, Gonçalves (2010), ao discutir a tradução da obra *Beloved*, realizada por Evelyn Kay Massaro¹⁵, considera que:

[...] se a tradução fosse realmente voltada para transmitir um “retrato poético e cruel da condição do negro na época imediatamente posterior à guerra” como retrata a orelha do livro de Morrison (1987) traduzido, então seria necessário [sic] a **preservação do dialeto e dos termos** que marcavam o ódio contra o negro, a relação de posse e a resistência, essa por parte dos afro-descendentes, assinalada pela **linguagem diferenciada**. [...] [grifo nosso] (GONÇALVES, 2010, p. 30)

Dessa forma, Gonçalves (2010) sugere sua concepção de língua enquanto mera estrutura, uma vez que acredita na “preservação do dialeto” no processo tradutório, ou seja, num tipo de equivalência linguística.

Neste trabalho, defendemos, entretanto, que os dialetos/socioletos se diferem não apenas em sua estrutura linguística, mas também por se desenvolverem e representarem realidades únicas e distintas. Assim, mesmo que Evelyn Kay Massaro tivesse optado por uma variedade não-padrão do português brasileiro, os traços e a representatividade do AAVE nunca seriam totalmente recuperados, ao mesmo tempo em que traços culturais novos, ligados ao uso da língua portuguesa, seriam inseridos na obra traduzida.

4.5. Conclusões

Neste capítulo, discutimos alguns aspectos sócio-histórico-culturais relacionados ao AAVE, tais como a representação identitária dos negros norte-americanos, a questão da estigmatização social e as hipóteses acerca de seu surgimento.

¹⁵ Destacamos aqui que analisaremos, no Capítulo V, a mesma tradução da obra *Beloved*.

Buscamos, ainda, realizar um levantamento sistemático das características linguísticas do socioleto em questão, a partir das obras de Jokinen (2008), Karvonen (2009), Morano (2000), Baumann *et. al.* (2006) e Iwassa (2007).

Além disso, discorreremos sobre o estado da arte, considerando e discutindo três estudos anteriormente produzidos sobre o AAVE em tradução, cujos autores são Cunha (1995), Silva (2004) e Gonçalves (2010).

CAPÍTULO V

A TRADUÇÃO DO *AFRICAN AMERICAN VERNACULAR ENGLISH* NA OBRA *BELOVED*

Este capítulo tem como objetivo realizar um estudo de caso, a partir da análise qualitativa dos dados coletados das obras *Beloved*, de Toni Morrison, e da mesma obra traduzida, *Amada*, pela profissional Evelyn Kay Massaro¹⁶. Nesse contexto, serão discutidas as escolhas da tradutora no que se refere à tradução para o português do socioleto AAVE – já caracterizado no Capítulo III –, que, conforme demonstramos, é representativo da identidade afro-americana. Além disso, a partir da análise aqui empreendida, buscaremos evidenciar de que maneira a Sociolinguística Variacionista pode contribuir com os Estudos da Tradução.

Dessa forma, na primeira seção, trataremos dos procedimentos e critérios de análise, apresentando a metodologia empregada para a realização deste estudo de caso. Na segunda seção, discutiremos algumas escolhas tradutórias da profissional Evelyn Kay Massaro ao traduzir o AAVE presente na obra *Beloved* (1970). Na terceira e última seção, apresentaremos uma proposta para o processo de formação de tradutores que leve em consideração os diferentes dialetos e/ou socioletos que constituem a língua de partida e a língua de chegada.

¹⁶ Apresentaremos algumas informações sobre as condições de produção da tradução da obra *Beloved* na seção 5.1.

5.1. Procedimentos e critérios de análise

A análise aqui empreendida configura-se como um estudo de caso, i.e., uma investigação de base empírica com objeto de estudo definido: no caso, a tradução do AAVE da obra *Beloved*. A análise presente na seção 5.2. inclui as seguintes etapas: (i) coleta de dados na obra *Beloved*, levantando as ocorrências do AAVE; (ii) coleta de dados na obra traduzida, *Amada*, buscando as escolhas tradutórias de Evelyn Kay Massaro¹⁷; (iii) análise qualitativa dos dados.

A opção por uma análise qualitativa se justifica pelo fato de pretendermos analisar, pontualmente, a partir do embasamento teórico, os dados coletados. Para Denzin e Lincoln (1994, p. 11), a análise qualitativa dos dados empíricos pode ser entendida como aquela que parte das reflexões de um pesquisador multiculturalmente situado, o qual tem por objetivo refletir sobre o mundo, utilizando-se de um conjunto de idéias e preceitos (teorias, ontologias), com o intuito de explicar uma série de questões, as quais serão, posteriormente, analisadas de forma bastante específica. Assim, os pesquisadores que se dedicam à análise qualitativa dispõem de um vasto conjunto de métodos interpretativos interconectados e, por isso, devem sempre procurar os melhores caminhos para uma melhor reflexão sobre o mundo de experiência estudado.

Como critério para esta análise, baseamo-nos no levantamento das características do AAVE – apresentado no Capítulo IV – e, dentre as que foram apontadas pelos trabalhos de Jokinen (2008), Karvonen (2009), Morano (2000),

¹⁷ Ressaltamos que a tradução da obra *Beloved* realizada por Evelyn Kay Massaro, em 1987, foi selecionada para o desenvolvimento deste trabalho. No entanto, a mesma obra também foi traduzida por José Rubens Siqueira, mais recentemente, em 2007. Utilizaremos este material mais atual para o desenvolvimento de trabalhos futuros.

Baumann *et. al.* (2006) e Iwassa (2007), selecionamos as doze mais recorrentes. Em um segundo momento, identificamos essas características na obra *Beloved* e, paralelamente, fizemos um levantamento de suas respectivas traduções para o português. A seguir, apresentamos um quadro em que se encontram listadas as doze características do AAVE que foram analisadas na obra original e na tradução:

Quadro 6 – Características do AAVE analisadas na obra *Beloved* e em sua tradução com base nos trabalhos Jokinen (2008), Karvonen (2009), Morano (2000), Baumann *et.al.* (2006) e Iwassa (2007)

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">(i) Utilização de estruturas e/ou vocabulário diferenciados(ii) Frequente omissão do verbo <i>to be</i> em frases afirmativas e/ou interrogativas(iii) Substituição do verbo <i>to be</i> conjugado pelo infinitivo <i>be</i>, em qualquer o tempo ou pessoa verbal.(iv) Ausência de marcação de 3ª pessoa do singular (presente) com <i>does</i>. Todas as pessoas são marcadas por <i>do</i>.(v) Utilização de <i>is</i> e <i>was</i>, em detrimento de <i>are</i> e <i>were</i>, para todas as pessoas, singular ou plural, representando o verbo <i>to be</i> nos tempos presente e passado simples.(vi) Uso de <i>ain'(t)</i> como um verbo geral de negação.(vii) Utilização de dupla (ou múltipla) negação nas sentenças.(viii) Frequente omissão de pronomes relativos(ix) Ausência de marcação em -s no final dos verbos de terceira pessoa no presente simples.(x) Ausência dos auxiliares em frases interrogativas(xi) Utilização da forma de passado simples para expressar o presente perfeito.(xii) Presença de formas específicas para expressar o tempo verbal futuro, com redução fonológica do auxiliar <i>will</i>. Ex: <i>will eat = a eat; will go = gonna</i>. Também pode ser marcado somente por <i>be</i>. |
|--|

Com base nas características apontadas acima, a análise será desenvolvida da seguinte maneira: para cada característica, apresentaremos um quadro com três fragmentos da obra original e suas respectivas traduções para a língua portuguesa¹⁸.

Ressaltamos aqui que não é nosso objetivo propor uma tradução para cada caso, uma vez que acreditamos que qualquer variedade linguística do português escolhida pelo profissional da área de tradução – mesmo que seja não-padrão e sugira, na obra traduzida, que há diferenças na linguagem dos personagens em relação à norma culta –, não será capaz de recuperar fielmente o valor sócio-histórico-cultural que é atribuído ao AAVE enquanto representativo de uma realidade específica e única. Conforme também discutiremos na próxima seção, essa impossibilidade de recuperar o valor social específico do AAVE (e, deixemos claro, não falamos aqui da impossibilidade de “reproduzir” alguns traços puramente estruturais, ou mesmo da impossibilidade de inserir valores sociais novos da língua de chegada), pode – e deve, como acreditamos – ser reconhecida pelo tradutor, o que poderia ser explicado, por exemplo, a partir da construção de paratextos (GOMES, 2006), conforme será tratado na próxima seção.

Com o intuito de evidenciar as condições em que foi realizada a tradução da obra analisada neste trabalho, buscamos algumas informações, como, por exemplo, a editora responsável e a sua data de publicação. Conforme constatamos, a tradução foi realizada no ano de 1987, e a editora responsável por sua veiculação foi a Editora Círculo do Livro, a qual foi fundada em março de 1973, através de um acordo firmado entre o Grupo Abril e a

¹⁸ Em alguns casos, para a análise dos dados, nos basearemos na nomenclatura proposta por Barbosa (1990) na obra *Procedimentos Técnicos da Tradução*.

editora alemã *Bertelsmann*. Em 1982, as vendas dessa editora alcançaram, no geral, cinco milhões de exemplares, totalizando dezessete milhões nos primeiros dez anos de existência. Como a editora já foi extinta, não temos acesso aos dados pontuais referentes à tradução da obra *Beloved* e a possível existência de um prefácio em outras edições da obra. No entanto, a publicação de que dispomos não apresenta recursos paratextuais.

Assim, considerando o contexto em que se deu a tradução e as evidências apresentadas e discutidas na análise dos dados, proporemos, em um segundo momento – mais precisamente, na seção 5.3. –, uma reflexão acerca da(s) possível(is) contribuição(ões) da Sociolinguística Variacionista para o processo de formação de tradutores.

5.2. Análise: o AAVE em tradução na obra *Beloved*

Nesta seção, apresentaremos a análise das ocorrências do AAVE selecionadas da obra *Beloved*, de Toni Morrison, e suas respectivas traduções. A fim de sistematizar a apresentação de nossa análise, destacamos que todas as características do AAVE analisadas no original e em sua tradução serão tratadas em tópicos específicos.

I - Utilização de estruturas e/ou vocabulário diferenciados em relação ao *Standard English*

Conforme apontado na seção anterior, selecionamos três ocorrências e suas respectivas traduções, tal como se apresentam no quadro abaixo:

Quadro 7 - Utilização de estruturas e/ou vocabulário diferenciados

Ocorrência de AAVE na obra <i>Beloved</i>	Tradução para a língua portuguesa
“(...) I’ll protect her while I’m live and I’ll protect her when I ain’t. (...)” (p. 45)	“(...) Eu a protegerei enquanto viver e a protegerei também morta! (...)” (p. 60)
“(...) More it hurt more better it is. (...)” (p. 78)	“(...) Quanto mais doer, melhor (...)” (p. 96)
“(...) What would I be doing with diamonds? (...)” (p. 58)	“(...) Quem sou eu para ter diamantes? (...)” (p. 74)

No primeiro exemplo, a palavra *live*¹⁹ é utilizada como adjetivo “vivo”, indicando o estado do interlocutor. No entanto, esse termo, acompanhado do verbo *to be*, não é característico do *Standard English*, em que o esperado seria o uso de *alive*. Segundo Vallandro (1965, p. 289), o termo *live* pode ser usado atributivamente com o sentido de *aceso, em brasa, eletrizado, cheio de animação, importante*, o que não é o caso do fragmento da obra *Beloved*. Já de acordo com o dicionário Oxford (2005, p. 900), *live* pode ter função adjetiva, significando *not dead*, mas os exemplos apresentados são, respectivamente, (i) *live animals*, (ii) *the number of live births* e (iii) *we saw a real live rattlesnake!*, o que indica que nenhum deles utiliza o verbo *to be*. Já os exemplos apresentados, também no dicionário Oxford (2005, p. 37), para o termo *alive* são, entre outros, *We don’t know whether he’s alive or dead* e *I was glad to hear you’re alive and well*, ambos acompanhados de verbo *to be*. Quanto à tradução, Evelyn Kay Massaro optou pela norma culta, apesar das contrações e, até mesmo, do uso do *ain’t* no texto de partida. Assim, a tradutora utilizou o

¹⁹ Não afirmamos que esse uso do termo *live* seja restrito ao AAVE. No entanto, acreditamos que essa seja uma variante vernacular que evidencia o uso de um vocabulário diferenciado do *Standard English*, fugindo do “triângulo escola-gramática-dicionário”, o qual é citado por Bagno (2008, p. 56).

recurso da *transposição* (BARBOSA, 1990, p. 66) do adjetivo *live*, do inglês, para o verbo *viver*, do português.

O mesmo acontece com *more better*, considerando que, de acordo com a gramática normativa da língua inglesa (SWAN, 2008, p. 113), adjetivos de comparação que possuam uma ou duas sílabas são acompanhados somente do sufixo *-er*, tal como *younger* e *better*. Os outros adjetivos, com maior quantidade de sílabas, mantêm sua forma original e são acompanhados do advérbio *more*, tal como *more intelligent* e *more beautiful*. Assim, no fragmento “(...) *More it hurt more better it is. (...)*”, há a redundância do aspecto comparativo, representado tanto por *more* quanto por *better*. No que se refere à tradução, Evelyn Kay Massaro optou pela norma culta do português, com “(...) *Quanto mais doer, melhor (...)*”. Nesse caso, seria possível reproduzir, linguisticamente, o traço do AAVE com *mais melhor*. No entanto, sabe-se que, para o valor social dessa característica do socioleto, nunca se encontraria equivalente em qualquer outra língua natural do mundo.

Quanto ao terceiro fragmento, nota-se que a pergunta *What would I do with Diamonds?*, cujos traços são característicos do *Standard English*, é substituída pela construção *What would I be doing with Diamonds?*. Nesse caso, a expressão *be doing* se configura como um traço diferenciado do inglês padrão, caracterizando o socioleto AAVE, uma vez que, de acordo com a gramática normativa do inglês, *would* (auxiliar que aparece como a forma modalizada do auxiliar *will*, que indica o tempo futuro da sentença (SWAN, 2008, p. 622)), não deve vir acompanhado do verbo *to be* (que pode indicar presente ou passado ou mesmo o gerúndio, se acompanhado de verbo com o sufixo *-ing*). No que se refere à tradução, a profissional optou pelo

procedimento técnico *equivalência*²⁰ (BARBOSA, 1990, p. 67-68), uma vez que traduziu “(...) *What would I **be doing** with diamonds? (...)*” (O que eu faria com diamantes? [tradução nossa]) por “(...) *Quem sou eu para ter diamantes? (...)*”. Assim, houve a substituição de um segmento da língua original por um segmento de texto na língua de chegada que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente. Apesar disso, é relevante considerar que o aspecto sócio-histórico-cultural não pôde, de qualquer forma, ser recuperado na tradução. Nesse contexto, a tradutora optou por utilizar a língua-padrão.

II - Omissão do verbo *to be* em frases afirmativas e/ou interrogativas

Apresentamos os seguintes fragmentos que representam a característica do AAVE em questão:

Quadro 8 - Omissão do verbo *to be* em frases afirmativas e/ou interrogativas

Ocorrência de AAVE na obra <i>Beloved</i>	Tradução para a língua portuguesa
“(...) Saturday coming. You going to call or what? (...)” (p. 178)	“(...) No sábado que vem. Você vai chamar as pessoas ou não? (...)” (p. 208)
“(...) She frail too? (...)” (p. 227)	“(...) Ela era fraca também? (...)” (p. 266)
“(...) You saying the whitefolks won? That’s what you saying? (...)” (p. 179)	“(...) Então está dizendo que os brancos ganharam? É isso? (...)” (p. 209)

²⁰ Nesse caso, o termo *equivalência* não se refere à equivalência linguística enquanto possibilidade de se recuperar estritamente o texto fonte na língua de chegada. Aqui, a expressão diz respeito a um procedimento técnico presente na obra *Procedimentos Técnicos da Tradução*, de Barbosa (1990), que consiste em substituir expressões da língua fonte por segmentos de texto na língua de chegada que não as traduzem literalmente, mas que lhes são funcionalmente equivalentes.

No primeiro exemplo, a forma verbal *are* é omitida na pergunta *You going to call or what?*. Na tradução, Evelyn Kay Massaro optou por indicar o tempo futuro através da forma analítica *vai chamar*. Tal como sugerem Cunha e Cintra (2008, p. 411), essa forma *verbo ir + infinitivo* deve ser considerada como português-padrão, caracterizada por “expressar o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo”.

Nos fragmentos *She frail too?* e *You saying the whitefolks won? That’s what you saying?*, também acontece a omissão das formas verbais *is* e *are*. Assim, na tradução, a profissional optou, novamente, pelo apagamento dessas marcas do AAVE.

III - Substituição do verbo *to be* conjugado pelo infinitivo *be* em diferentes tempos ou pessoas verbais

Para esta característica, consideramos as seguintes ocorrências:

Quadro 9 - Substituição do *verbo to be* conjugado pelo infinitivo *be*

Ocorrência de AAVE na obra <i>Beloved</i>	Tradução para a língua portuguesa
“(...) She and Denver be looking for a job.(...)” (p. 264)	“(...) E a essa altura Janey e Denver estariam procurando emprego (...)” (p. 309)
“(...) Someday you be walking down the road and you hear something or see something going on. (...)” (p. 36)	“(...) Um dia, andando na rua, a gente ouve ou vê alguma coisa (...)” (p. 50)
“(...) But if all the truth be known, I go anywhere these days. (...)” (p. 7)	“(...) Mas, para falar a verdade, vou a qualquer lugar atualmente. (...)” (p. 16)

No primeiro fragmento, a forma verbal *were* foi substituída pelo verbo não conjugado *be*. Na tradução, a profissional optou por utilizar o futuro do

pretérito *estariam*, do português-padrão, juntamente com a locução adverbial de tempo *a essa altura*. Desse modo, é utilizado o recurso de *explicitação* (BARBOSA, 1990, p. 68), em que se adiciona um termo ou expressão com o intuito de contextualizar o enunciado, objetivando atribuir maior coerência ao texto na língua de chegada. Quanto à tradução, a marca do AAVE referente ao uso do verbo *be*, nesse caso, foi totalmente apagada, uma vez que não é possível recuperá-la na língua de chegada, tanto linguisticamente quanto em seus aspectos identitários/sociais.

No segundo fragmento, a forma verbal *are* (que apareceria na construção do *Standard English*) é substituída pelo verbo não conjugado *be*, no tempo presente. Na tradução, Evelyn Kay Massaro optou por utilizar o português-padrão, através da forma nominal de gerúndio *andando*. Há ainda a tentativa de tradução da característica do AAVE relacionada ao uso do pronome *you* como impessoal para se referir a pessoas em geral. Assim, a profissional optou pelo uso do pronome de terceira pessoa “a gente”, com o intuito de recuperar o traço linguístico do original e causar o mesmo efeito no leitor da língua de chegada. No entanto, reiteramos que recuperar um traço linguístico não significa recuperar todos os aspectos sócio-histórico-culturais envolvidos na formação/uso de um dialeto/socioleto.

Já no terceiro fragmento, a forma verbal *is* é substituída pelo verbo não conjugado *be*, no tempo presente. No entanto, a expressão *if all the truth be known* foi traduzida por *para falar a verdade*, por Evelyn Kay Massaro. Assim, além de apagar o traço do AAVE (uma vez que não há um equivalente linguístico), a tradutora optou, mais uma vez, pela norma culta e utilizou uma expressão já cristalizada no português. Assim, está presente novamente o

procedimento técnico *equivalência* (BARBOSA, 1990, p. 67-68), que se configura como uma tentativa de se substituírem expressões da língua de partida por segmentos de texto da língua de chegada que não as traduzem literalmente, mas que lhes são funcionalmente equivalentes.

IV - Ausência de marcação de 3.^a pessoa do singular (presente) com *does*

Para a quarta característica, apresentamos o seguinte quadro:

Quadro 10 - Ausência de marcação de 3.^a pessoa do singular (presente) com *does*

Ocorrência de AAVE na obra <i>Beloved</i>	Tradução para a língua portuguesa
"(...) Then why don't it come? (...)" (p.4)	"(...) Então por que ela não vem? (...)" (p. 12)
"(...) Maybe she don't want to understand (...)" (p.4)	"(...) Talvez ela não queira entender (...)" (p. 12)
"(...) He don't have to do that! [ficar hospedado na igreja] (...)" (p 186)	"(...) Paul D não precisava ficar lá [hospedado na igreja]! (...)" (p. 216)

Como destaca Swan (2008, p. 462), no *Standard English*, para marcar o tempo presente em sentenças interrogativas ou negativas, o auxiliar *do* é utilizado com os pronomes *I*, *you*, *we* e *they*. Já no caso de terceira pessoa do singular *he*, *she* e *it*, usa-se o auxiliar *does*.

No entanto, no primeiro fragmento, o pronome expletivo *it* apresenta como auxiliar *do* para indicar o tempo presente simples. O mesmo acontece com o segundo e terceiro exemplos, em que *she* e *he*, respectivamente,

também são acompanhados do auxiliar *do*. Quanto à tradução, a profissional optou, mais uma vez, pela utilização do português-padrão.

V - Utilização das formas verbais *is* e *was* em detrimento de *are* e *were*

Esta característica se aplica a todas as pessoas, singular ou plural, para representar o verbo *to be* nos tempos presente e passado simples. Para a característica em questão, apresentamos o seguinte quadro:

Quadro 11 - Utilização de *is* e *was* para todas as pessoas

Ocorrência de AAVE na obra <i>Beloved</i>	Tradução para a língua portuguesa
“(...) Young boys, old boys, picky boys, stropin boys. Now at Sweet Home, my niggers is men every one of em (...)” (p. 10)	“(...) Meninos jovens, meninos velhos, moleques safados, moleques com medo de apanhar. Mas, em Sweet Home, os negros são todos homens (...)” (p. 20)
“(...) That’s where the others was . (...)” (p. 77)	“(...) Era onde os outros estavam. (...)” (p. 95)
“(...) A preacher and his family was in there (...)” (p. 146)	“(...) Um pastor e a família estiveram morando lá. (...)” (p. 173)

O verbo *to be* (ser/estar), que pode representar o presente através das formas *am*, *is* e *are*, e o passado em *was* e *were*, é utilizado da seguinte maneira no *Standard English*:

Quadro 12 - Utilização de *is* e *was* no *Standard English* com base em Wilson e Kocienda (2007, p. 6 e 78)

Presente Simples	Passado Simples
I am	I was
You are	You were
He/she/it is	He/she/it was
We are	We were
They are	They were

No entanto, no primeiro fragmento, utilizou-se a forma verbal *is* em detrimento de *are*. Assim, a marca de singular passou a ser utilizada num contexto de plural, definido principalmente pelos termos *niggers* e *men*. No que se refere à tradução, a profissional optou por empregar a norma culta do português com o verbo de ligação *são*, que marca o plural. Assim, a marca do AAVE foi totalmente apagada.

Já no segundo e no terceiro exemplos, a forma verbal *was* foi utilizada com o pronome de terceira pessoa do plural *they* e com o sintagma *a preacher and his family*, respectivamente, os quais, segundo o *Standard English*, deveriam ser acompanhados da forma verbal *were*. Mais uma vez, a tradutora optou pelo português-padrão, utilizando os verbos *estavam* e *estiveram*.

VI - Uso de *ain'(t)* como um verbo geral de negação

Para esta característica, analisamos as seguintes ocorrências:

Quadro 13 - Uso de *ain't*(t) como um verbo geral de negação

Ocorrência de AAVE na obra <i>Beloved</i>	Tradução para a língua portuguesa
"(...) He's white, ain't he? (...)" (p. 195)	"Afinal, era um branco." (p 229)
"(...) they ain't the whites I seen before. (...)" (p. 195)	" Eles não são como os brancos que vi antes." (p. 229)
"(...) Ain't no niggers men (...)" (p.10)	"(...) Não existem homens negros (...)" (p. 20)

No primeiro fragmento, a sentença com a "tag question" *ain't he*, marcada pelo *ain't* característico do AAVE, foi traduzida por uma afirmativa no português-padrão. Para isso, a tradutora optou por utilizar tanto o recurso de omissão (ao apagar a "tag question") quanto o recurso de *explicitação* (ao introduzir a conjunção explicativa *afinal*) (BARBOSA, 1990, p. 68). Isso quer dizer que esse traço do AAVE foi totalmente apagado no processo tradutório, até mesmo porque não seria possível um equivalente linguístico para *ain't* no português.

O mesmo aconteceu no segundo fragmento, no qual o marcador *ain't*, que, nesse caso, marca o presente simples, não encontrou correspondente no português. Nesse contexto, a profissional optou pelo uso da norma culta, com *eles não são*. Outra marca do AAVE que está presente na sentença e que aparece frequentemente na obra é o uso do verbo no particípio, tal como *seen*, para substituir o passado simples ou o presente perfeito, para o qual Evelyn Kay Massaro também preferiu evitar um possível correspondente, optando novamente pelo português-padrão.

Já no terceiro fragmento, *ain't* indica a negação do verbo existir, o que Evelyn Kay Massaro, mais uma vez, traduziu, de acordo com a norma culta do português, por *não existem*.

VII - Utilização de múltipla negativa nas sentenças

Para esta característica, apresentamos o seguinte quadro:

Quadro 14 - Utilização de dupla (ou múltipla) negativa nas sentenças

Ocorrência de AAVE na obra <i>Beloved</i>	Tradução para a língua portuguesa
"(...) I wouldn't have no nigger men round my wife (...)" (p. 11)	"(...) Eu não gostaria de ver negros homens em volta de minha mulher (...)" (p. 20)
"(...) You don't remember nothing about how come I walk the way I do and about your mother's feet, not to speak of her back? (...)" (p. 244)	" Não lembra porque eu ando deste jeito, do que aconteceu com os pés e as costas de sua mãe? (...)" (p. 285)
"(...) with nobody to bother em 'cept me because don't nobody go in that piece of water (...)" (p. 156)	"(...) sem ninguém para perturbá-las a não ser eu; ninguém tem coragem de entrar naquele matagal (...)" (p.183)

No primeiro fragmento, a expressão *wouldn't... no*, que denota a dupla negação, não foi recuperada no português. A tradutora optou somente pelo uso do advérbio de negação *não*. No entanto, mesmo se fosse possível recuperar linguisticamente o traço do AAVE no português, a interpretação do falante da língua de partida envolveria aspectos que vão além dos elementos puramente linguísticos, considerando também os fatores sócio-histórico-culturais relacionados ao socioleto em questão e ao seu contexto de uso. Um falante da língua de chegada poderia não somente desconhecer tais implicações, mas

também acabar fazendo associações e inferências com outro tipo de contexto, completamente diferente daquele pretendido pela autora do original.

No segundo fragmento, a tradutora optou pela omissão da marca de dupla negativa *don't...nothing*, utilizando o português-padrão e mantendo apenas o significado do texto. O mesmo acontece com o terceiro exemplo, em que a expressão *don't nobody* foi apagada, tendo sido traduzida apenas como *ninguém*. Na mesma sentença, outras marcas do AAVE também foram apagadas ao se realizar a tradução, como as contrações *em (them)* e *'cept me (except me)*.

VIII - Omissão de pronomes relativos

Para esta característica, analisamos os seguintes casos, retirados da obra *Beloved*:

Quadro 15 - Omissão de pronomes relativos

Ocorrência de AAVE na obra <i>Beloved</i>	Tradução para a língua portuguesa
"(...) You going to tell me Ø it's all right with this child half out her mind? (...)" (p. 15)	"(...) Vai me dizer agora que está tudo bem quando se vê o desespero dessa garota? (...)" (p. 25)
"(...) I know a woman Ø had her feet cut off they was so swole. (...)" (p.34)	"(...) Conheço uma mulher que precisou cortar os pés porque estavam inchados desse jeito. (...)" (p. 48)
"(...) This place. I was looking for this place Ø I could be in. (...)" (p. 65)	"(...) Este lugar. Estava procurando este lugar. (...)" (p. 81)

Os pronomes relativos, segundo a gramática tradicional da língua portuguesa, podem ser definidos como aqueles que se referem a um termo

antecedente, como regra geral. Eles podem possuir forma variável (cujo/cuja, a qual/o qual etc.) ou invariável (onde, quando, que etc.) (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 356-357), mas, na língua inglesa, se restringem a *that*, *which*, *where*, *who* e *when*.

Assim, no primeiro fragmento, pode-se perceber a omissão do pronome relativo *that*, que foi adicionado na tradução para o português, em respeito à norma culta da língua de chegada. O mesmo aconteceu no segundo fragmento, em que ocorre a omissão dos possíveis pronomes *that* ou *who* no original, mas há a sua *explicitação* (BARBOSA, 2008, p. 68) no português com o pronome relativo *que*, o qual se refere ao substantivo *mulher*. Nesse sentido, além de uma recuperação linguística dessa característica do AAVE no português não ser possível, há ainda a impossibilidade de recuperação, na cultura de chegada, do que essa mesma marca representa na cultura de partida.

Já no terceiro fragmento, há a omissão dos pronomes *that* ou *where*, como possível marca do AAVE, mas a tradutora optou por omitir toda a expressão “∅ I could be in” na língua de chegada. Dessa forma, a marca do socioleto foi completamente apagada.

IX - Ausência de marcação em -s no final dos verbos de terceira pessoa no presente simples

Para esta característica, apresentamos os seguintes fragmentos:

Quadro 16 - Ausência de marcação em -s em verbos de terceira pessoa

Ocorrência de AAVE na obra <i>Beloved</i>	Tradução para a língua portuguesa
“(...) She make summer sausage (...)” (p.144)	“(...) Ela faz salsicha fresca. (...)” (p. 171)
“(...) He know what he needs (...)” (p. 43)	“(...) Ele sabe o que tem de fazer. (...)” (p. 58)
“(...) God take what He would (...)” (p.23)	“(...) Deus tira o que quer (...)” (p. 35)

No primeiro exemplo, de acordo com o *Standard English*, o verbo *make* deveria ser acompanhado de -s, uma vez que esse representa a marca da 3.^a pessoa do singular do presente simples (SWAN, 2008, p. 449). No entanto, no AAVE, há a omissão da concordância do verbo com o pronome *she*. Quanto à tradução, a profissional manteve o português-padrão, uma vez que não há, como acreditamos, qualquer possibilidade de um equivalente para essa marca linguística na língua de chegada, já que os sistemas de concordância verbal em ambas as línguas são bastante diferenciados.

No segundo e no terceiro exemplos, aconteceu o mesmo. Os verbos *know* e *take*, respectivamente, são acompanhados do pronome *he* e do substantivo *God*, ambos denotando 3.^a pessoa do singular. No entanto, há a omissão de concordância no AAVE, o que não pode ser linguisticamente e/ou socialmente reproduzido na língua portuguesa.

X - Ausência de auxiliares em frases interrogativas

Para esta característica, apresentamos o seguinte quadro:

Quadro 17 - Ausência dos auxiliares em frases interrogativas

Ocorrência de AAVE na obra <i>Beloved</i>	Tradução para a língua portuguesa
"(...) Ø You came back because of me? (...)" (p. 215)	"Voltou por minha causa?" (p. 252)
"(...) What Ø you think? What Ø you think? (...)" (p. 220)	"O que você acha?" (p. 257)
"(...) when Ø she say Halle went? (...)" (p.8)	"Quando ela disse que Halle se foi? (...)" (p. 17)

Nos três fragmentos, as perguntas não são precedidas dos devidos auxiliares, como ocorre no *Standard English*, em que os tempos verbais da língua inglesa, quando se trata de sentenças interrogativas e negativas, são marcados por auxiliares, como *do* e *does* (dos quais falamos anteriormente e os quais marcam o presente simples), *did* (passado), *will* (futuro), *would* (futuro modalizado), entre outros.

Apesar de essa não ser uma marca exclusiva do AAVE, considerando que também é comum no inglês padrão coloquial, é algo bastante frequente nesse socioleto.

Assim, no primeiro fragmento, há a omissão do auxiliar *did*, que marca o passado simples e a flexão do verbo *come* no passado (com *came*). Isso quer dizer que, no *Standard English*, teríamos a seguinte sentença: ***Did you come back because of me?*** Na tradução, a profissional manteve a norma culta do português e omitiu o pronome *você* no início da sentença.

No segundo fragmento, há a omissão do auxiliar *do*, que marca o tempo presente. Assim, no *Standard English*, teríamos a seguinte sentença: ***What do***

you think?. Quanto à tradução, o português-padrão é mantido, sem qualquer alteração de ordem frasal ou omissão de vocábulos.

Já no terceiro fragmento, há novamente a omissão do auxiliar *did*, que marcaria o passado simples na sentença *when did she say Halle went?*, de acordo com o inglês-padrão. No entanto, na tradução, foi mantida a norma culta do português, com *Quando ela disse que Halle se foi?*.

XI - Utilização de tempos verbais diferentes do *Standard English*

Quanto à utilização da forma de passado simples para expressar o presente perfeito, a ocorrência de tal traço não se mostra significativa na obra *Beloved*. No entanto, percebemos a presença do particípio *been* e de outros verbos, como *seen*, com o intuito de expressar os tempos *present perfect*, *present perfect continuous* e/ou *simple past*. Há, ainda, o uso de verbo no presente simples para denotar tempo passado, tal como demonstramos no quadro abaixo:

Quadro 18 - Utilização de tempos verbais diferentes do inglês padrão

Ocorrência de AAVE na obra <i>Beloved</i>	Tradução para a língua portuguesa
“(...) I’m a walking man, but I been heading in this direction for seven years (...)” (p. 46)	“(...) Sou um andarilho, tenho vivido assim por sete anos (...)” (p. 61)
“(...) Your woman she never fix up your hair (...)” (p. 60)	“(...) Sua mulher, ela nunca arrumava seu cabelo (...)” (p. 77)
“(...) Can’t walk, but I seen her pick up the rocker with one hand. (...)” (p. 56)	“(...) Ela não consegue andar direito, mas eu a vi pegar a cadeira de balanço com uma só mão. (...)” (p. 72)

No primeiro fragmento, o particípio *been* foi utilizado no AAVE para expressar o *present perfect have been*, do *Standard English*. Quanto à tradução, a profissional manteve o português-padrão, sem qualquer referência ao socioleto em questão.

No segundo fragmento, o verbo *fix* está no tempo presente, mas tem sentido de passado, o que só pode ser compreendido através da interpretação do contexto linguístico. Assim, omitiu-se o morfema *-ed*, que é indicador do passado simples. Quanto à tradução, Evelyn Kay Massaro optou pelo pretérito imperfeito *arrumava*, apagando, mais uma vez, a marca do AAVE.

Quanto ao terceiro fragmento, o verbo *been* tem a forma de particípio, mas foi utilizado na sentença do AAVE para expressar o *simple past*. Assim, na tradução, Evelyn Kay Massaro optou pelo verbo *vi*, do português, no passado simples, de forma a manter o sentido do original, apesar de não ser possível recuperar o traço característico do socioleto em questão na língua portuguesa.

XII - Presença de formas específicas para expressar o tempo verbal futuro

O tempo verbal futuro, tal como observamos, pode ser representado pela redução fonológica dos auxiliares *will* ou *be+ going to*, como *a* ou *gonna*, ou somente pelo verbo *be*. Para este caso, selecionamos as seguintes ocorrências:

Quadro 19 - Presença de formas específicas para expressar o tempo verbal futuro

Ocorrência de AAVE na obra <i>Beloved</i>	Tradução para a língua portuguesa
"(...) I be sure to ask, but I know they take women at the slaughter-house (...)" (p. 144)	"(...) Vou perguntar . Mas sei que aceitam mulheres no matadouro. (...)" (p. 171)
"(...) What you gonna do, just lay there and foal? (...)" (p. 33)	"(...) O que vai fazer ? Ficar aí e parir? (...)" (p. 47)
"(...) I believe this baby's ma'am is gonna die in wild onions on the bloody side of the Ohio River. (...)" (p. 31)	"(...) Creio que a senhora deste bebê vai morrer entre as cebolas selvagens na margem sangrenta do rio Ohio. (...)" (p. 44)

De acordo com Swan (2008, p. 212-213), o futuro, no *Standard English*, pode ser indicado pela forma *will + infinitive without to* ou *be going + infinitive*. Para este caso, podem ser apresentados os seguintes exemplos: (i) *It will be spring soon*; (ii) *We are going to get a new car*.

No entanto, no primeiro fragmento, no que se refere ao uso do AAVE, o tempo futuro foi indicado por *be*. No que concerne à tradução, a profissional optou por utilizar o futuro na forma analítica do português (*vou perguntar*), o que leva ao total apagamento das marcas do socioleto afro-americano. No entanto, é verdade que não há um equivalente linguístico no português para uma possível "reprodução" desse traço do AAVE e, mesmo se existisse, não seria possível recuperar todo o contexto em que tal marca se insere, como defendemos neste trabalho.

No que se refere ao segundo e ao terceiro exemplos, o auxiliar *will*, que marca tempo futuro no inglês, é substituído por *gonna*²¹. Neste caso, a

²¹ Segundo Swan (2008, p. 189), *gonna* também é utilizado na forma coloquial por falantes de outras variedades de *American English*. Por isso, não afirmamos que todas as características

tradutora optou por manter a língua padrão com a utilização do futuro perfeito na forma analítica.

5.2.1. Especificidades da tradução do AAVE: algumas conclusões

Nesta seção, apresentaremos, de maneira geral, algumas conclusões pautadas na análise da tradução do AAVE na obra *Beloved*.

Conforme demonstrado na seção anterior, não é possível recuperar o valor sócio-histórico-cultural presente no AAVE. Apesar de o Brasil – assim como os Estados Unidos – também ter passado por um momento histórico marcado pela escravidão, não se pode afirmar que haja uma variedade característica dos negros no país, mesmo se partirmos da crença de que o português brasileiro (doravante também PB) tenha passado por um processo de crioulização²² – assim como defendem Coelho (1880), Guy (1981) e Melo (1981).

De acordo com essa hipótese, o PB seria decorrente de um processo de crioulização por compartilhar diversos traços linguísticos com os crioulos africanos, como a ausência de concordância, por exemplo. No entanto, apesar de Coelho (1880, p. 43 *apud* CUNHA LACERDA, 2003, p. 43) defender essa hipótese, o autor também afirma que as evidências atestadas para o PB recobririam somente o campo lexical, o que levaria à necessidade de estudos mais abrangentes no que se refere à morfossintaxe. Já segundo Melo (1981

listadas como pertencentes ao AAVE sejam exclusivas do socioleto, uma vez que pode ter havido influências de diferentes variedades que entraram em contato.

²² O conceito de línguas crioulas foi tratado na seção 4.2. No entanto, mostra-se relevante destacar que não entraremos na discussão acerca de qual hipótese seria a verdadeira na formação do português brasileiro – se a da crioulização ou a do conservadorismo linguístico –, uma vez que é uma questão controversa que não se configura como foco de nosso trabalho.

apud CUNHA LACERDA, 2003, p. 43), no Brasil, teria ocorrido a formação de um crioulo do tipo iorubá e outro do tipo banto. Para Guy (1981 *apud* CUNHA LACERDA, 2003, p. 43), por sua vez, o PB, que teria sido alvo de um processo de criouliização, estaria, no presente, passando por um processo de descrioulização, o qual viria a aproximá-lo do português de Portugal.

Assim, apesar da existência da hipótese da criouliização linguística para o português brasileiro, em virtude de fatores contextuais que diferem o AAVE das variedades linguísticas presentes no PB – como os diferentes contatos linguísticos, a origem dos negros que entraram nos dois países, os tipos de conflitos entre as diferentes camadas sociais, as distintas manifestações culturais, as condições de vida diferenciadas etc. –, não seria possível recuperar o AAVE, presente na obra *Beloved*, no contexto da língua de chegada.

Além disso, é relevante considerar que, diferentemente da variação na língua inglesa – que envolve, frequentemente, a variável etnia –, a variação na língua portuguesa no Brasil está muito mais ligada a outros fatores, como classe social e escolaridade. Por essa razão, optar por uma variedade “menos prestigiada” ou marcada por diferenças em relação ao português-padrão seria dar a entender que a maior parte dos negros do país usa essa variedade em seu meio social, o que não se mostra totalmente verdadeiro.

Nesse sentido, defendemos que não é possível se buscarem variedades da língua de chegada que sejam totalmente adequadas para a tradução da língua de partida, uma vez que qualquer variedade escolhida pelo profissional de tradução não seria capaz de recuperar tudo aquilo que está envolvido no contexto do original. Por isso, sugerimos que, antes de se optar por qualquer

variedade não-padrão, sejam utilizados os paratextos como alternativa para a tradução de obras como *Beloved*, que apresentem personagens com variedades tão características de suas comunidades – aquelas que se configuram como fonte de significado e experiência de um povo e que se mostram tão importantes para a percepção do conjunto da obra.

Neste contexto, definimos os paratextos como aqueles enunciados contíguos ao texto central. Esses elementos podem ser o prefácio, o posfácio, as notas de rodapé, a capa, a contracapa, as epígrafes, as dedicatórias, as ilustrações, os títulos, os intertítulos, os subtítulos etc. (SANTOS, 2011, p. 16).

Assim, um prefácio bem elaborado, por exemplo, poderia esclarecer ao leitor do texto traduzido as especificidades do contexto em que se passa a estória, bem como particularidades do contexto de produção do original, o que inclui, no caso de *Beloved*, a realidade da escravidão norte-americana e a presença de marcas do AAVE. Tal atitude do tradutor demonstraria seu importante papel como intermediador de culturas, permitindo ao leitor o contato com uma cultura distinta da sua. Além disso, essa escolha acabaria promovendo o reconhecimento/esclarecimento da alteridade do texto e a visibilidade do trabalho do tradutor.

Segundo Genette (2001, p. 264 *apud* GOMES, 2006, p. 72), o prefácio se configura como um dos mais importantes paratextos da tradução. Para ele, o prefácio original, assinado pelo próprio autor da obra ou pelo tradutor, tem como uma de suas funções apresentar o porquê e como se deve ler a obra. Assim, no caso do “escritor-prefaciador-tradutor, esse poderá, entre outras coisas, comentar sua própria tradução”, o que seria uma oportunidade para

falar sobre o AAVE e justificar suas escolhas relacionadas à tradução desse socioleto.

5.3. Uma proposta para a formação de tradutores

De acordo com Oliveira (2009), somente na década de 1960 do século XX, surgiram, no Brasil, os primeiros cursos de graduação na área de tradução. Até então, a profissão de tradutor era exercida ocasionalmente por profissionais de outras áreas, situação que, até hoje, ainda perdura, em muitos casos. Isso quer dizer que grande parte dos profissionais não possui formação acadêmica na área e acredita que essa pode ser substituída pelo conhecimento adquirido no exercício da atividade.

Ainda para Oliveira (2009, p. 29), “qualquer que seja a atividade exercida profissionalmente por um indivíduo, ela necessita ser realizada a partir de uma reflexão teórica sólida e consequente, que pode ser construída ou não nos bancos escolares”. O conhecimento teórico é algo que a prática da profissão não pode proporcionar por si só, a não ser que o tradutor se dedique a buscar materiais que possam contribuir com a sua formação. No entanto, a autora defende que a aquisição de uma habilidade profissional no ambiente universitário pode se dar em menos tempo e de forma mais consistente.

Assim, frente à necessidade de compreensão da diversidade linguístico-cultural, por parte do profissional em tradução, o que propomos é que os cursos de formação se dediquem, entre outras coisas, a construir em seus alunos uma consciência de que o tradutor atua como um intermediador de culturas. E isso envolve, como acreditamos, conscientizá-lo de que seu

trabalho não se restringe a lidar com duas línguas distintas, mas também com as variedades linguísticas que subjazem a elas.

Assim, deve-se ensinar – e levar em conta – que a tradução não é um processo de mera “substituição” linguística, mas de “recriação” de uma nova realidade linguístico-cultural a partir de outra realidade única delineada no texto original. Nesse sentido, para que seja realizada uma tradução de forma eficiente, mostra-se necessário que o profissional realize um estudo aprofundado das realidades/culturas/línguas envolvidas em sua atividade, para que se torne capaz de compreender o contexto de produção/recepção da obra, bem como de encontrar as melhores alternativas para o seu trabalho.

Ainda nesse contexto, o que realmente propomos é que os cursos de formação de tradutores proporcionem aos seus alunos o conhecimento acerca de conceitos como dialeto e socioleto, variação, variedades linguísticas, identidade linguística, entre outros. Nesse sentido, o ideal seria que se incluíssem, no *currículum* desses cursos, disciplinas específicas voltadas para a Sociolinguística e suas relações com o processo tradutório.

Desse modo, a intenção deveria ser desenvolver nos discentes – e futuros tradutores – a consciência de que a tradução não envolve apenas uma relação entre duas línguas distintas, mas que a cada língua subjazem diferentes variedades, que, em suas particularidades, representam realidades únicas e transmitem diferentes valores sociais.

5.4. Conclusões

Neste capítulo, analisamos e discutimos as possibilidades de tradução do AAVE, a partir de fragmentos traduzidos da obra *Beloved*. Nesse sentido, procuramos evidenciar que, independentemente da variedade da língua de chegada escolhida pelo profissional em tradução, nunca será possível recuperar totalmente a variedade da língua de partida, uma vez que essa é única por envolver aspectos sócio-histórico-culturais particulares.

Dessa forma, apontamos o uso dos paratextos como uma alternativa para a tradução de obras como *Beloved*, que envolvem uma variedade que retrata uma realidade tão fortemente peculiar e tão importante para a compreensão do contexto da obra.

Além disso, frente às dificuldades da prática tradutória reiteradas neste trabalho, tecemos uma proposta para os cursos de formação de tradutores, sugerindo a adoção de conteúdos pautados na noção de variação linguística. Assim, julgamos pertinente que os profissionais da área de tradução tenham a consciência de que a cada língua subjazem diferentes variedades que representam realidades únicas e transmitem diferentes valores sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos propor caminhos de reflexão para o tradutor em relação ao seu trabalho, de forma que se possa compreender que assim como “o texto traduzido é necessariamente outro texto” (SOBRAL, 2008, p. 70), uma variedade linguística “traduzida” por outra representa, necessariamente, uma outra realidade. Isso porque uma língua é socialmente determinada, heterogênea e sujeita às variações e mudanças relacionadas às transformações dos padrões sociais e ideológicos de uma dada comunidade linguística (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001). Assim, as propriedades internas de uma língua sofrem influências e são determinadas pelo meio em que essa está inserida, passando a se constituir enquanto única por representar uma realidade também singular.

Além disso, é relevante destacar o caráter identitário do fenômeno da variação linguística. Isso porque o uso de diferentes variedades linguísticas possibilita-nos reconhecer as características de um falante e/ou de uma determinada comunidade de fala. Essa perspectiva é bastante relevante quando se fala da tradução do AAVE, que pode ser considerado como uma das mais puras representações da identidade dos negros norte-americanos.

Dessa forma, a partir da análise da tradução da obra *Beloved*, realizada pela profissional Evelyn Kay Massaro, foi possível perceber que suas escolhas, no que se refere à tradução do AAVE, envolvem preponderantemente a utilização da variedade padrão do português. Tal atitude é criticada por muitos autores, que acreditam que se deve tentar explicitar na obra traduzida, ao menos que a linguagem dos personagens foge da norma culta da língua por

sua condição desprivilegiada. No entanto, consideramos que, mesmo optando por uma variedade não-padrão da língua de chegada, seria impossível encontrar uma variedade que fosse realmente correspondente ao contexto da escravidão norte-americana, que se constitui como uma realidade sócio-histórico-cultural única e distinta.

Mostra-se relevante reiterar, aqui, que apesar de o Brasil também ter passado por um momento histórico marcado pela escravidão, assim como os Estados Unidos, não se pode dizer que exista uma variedade linguística característica dos negros no país. Por essa e por outras razões – como os diferentes contatos linguísticos, a origem dos negros que entraram nos dois países, os tipos de conflitos entre as diferentes camadas sociais, as distintas manifestações culturais, as condições de vida diferenciadas etc. –, seria impossível conceber um correlato linguístico que recuperasse a realidade da obra *Beloved*. Nesse contexto, defendemos – independente da variedade linguística escolhida pelo tradutor – a utilização dos paratextos (especialmente do prefácio), proporcionando ao leitor o reconhecimento/esclarecimento da alteridade do texto e a percepção da visibilidade do próprio profissional da área tradução.

Assim, propomos que os futuros tradutores, uma vez inseridos num processo de educação formal para o exercício da profissão, possam ser apresentados a conceitos linguísticos que se mostram relevantes para a formação de uma consciência crítica em relação ao seu próprio trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, C. M. M. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada - século XIX*. São Paulo: Annablume, 2003.
- BAGNO, M. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. 50. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- BARBOSA, H. G. *Procedimentos Técnicos da Tradução: uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 1990.
- BASKER, J. G. *Slavery and Poetry*. 2008. Disponível em: <<http://www.gilderlehrman.org>>. Acesso em: 15 de maio de 2011.
- BAUMANN, S. *et. al. AAVE: African American Vernacular English*. Universidade Konstanz. 2006.
- BERLIN, I. *Gerações de Cativo: Uma história da escravidão nos Estados Unidos*. Tradução Julio Castañon. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- BERMAN, A. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1998.
- CALHOUN, C. J. *Social theory and the politics of identity*. Oxford: Blackwell, 1994.
- CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMPBELL, D. M. *The Slave Narrative*. Disponível em <http://www.wsu.edu/~campbelld/amlit/slave.htm>. Acesso em 12 abr. 2011.
- CAMPOS, C. B. A escravidão no discurso pós-moderno de Toni Morrison. In: Anais do V Congresso de Letras: discurso e identidades culturais, 5., 2005, Caratinga. Caratinga: UNEC, 2005.
- CARDOZO, M. M. Tradução, apropriação e o desafio ético na tradução. In: OLIVEIRA, M. C.; LAGE, V. L. C. (orgs.) *Literatura, crítica, Cultura I*. Juiz de Fora: UFJF, 2008, p. 179 -190.
- CASTELLS, M. *A Era da informação: economia, sociedade e cultura - O poder da identidade*. v. 2, 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- CATFORD, J. C. *Uma teoria linguística da tradução: um ensaio de linguística aplicada*. Trad. do Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da PUC/Campinas. São Paulo: Cultrix; Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1980 [1965].

CHOMSKY, N. Novos Horizontes no Estudo da Linguagem. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, vol. 13. São Paulo, 1957.

_____. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1965.

_____. *Knowledge of Language: its nature, origin, and use*. New York: Praeger, 1986.

_____. *The minimalist program*. Cambridge: The MIT Press, 1995.

_____. *New horizons in the study of language and mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

COELHO, F. A. Os dialetos românicos ou neo-latinos na África, 1880. In: *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Reproduzido em: Estudos Linguísticos Crioulos, Lisboa, 1967.

COSERIU, E. *Lições de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

COUTO, H. H. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.

CUNHA LACERDA, P. F. A. *Evidências de um conservadorismo linguístico no português do Brasil: o uso do presente para comprovar o passado*. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2003.

_____. Tradução e Sociolinguística Variacionista: a língua pode traduzir a sociedade? *Tradução e Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores*, v. 10, São Paulo: Anhanguera Educacional SA., 2010, p. 127-142.

CUNHA, A. B. H. *Beloved x Amada de Toni Morrison: o inglês negro vernacular, o Pidgin e o crioulo na tradução*. Monografia (Bacharelado em Letras – Ênfase em Tradução). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1995.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

CUNHA, M. A. F.; SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DAVIS, K. C. Postmodern Blackness: Toni Morrison's 'Beloved' and the End of History. *Twentieth Century Literature*, vol. 44, 1998. Disponível em <http://www.questia.com/googleScholar.qst?docId=5001387619>. Acesso em 10 abr. 2011.

DELANY, M. R. *The Condition, Elevation, Emigration and the Destiny of the Colored People of the United States*. New York: Arno Press e The New York Times, 1968.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Handbook of Qualitative Research*. California: SAGE Publications, 1994.

DILLINGER, M. Forma e Função na Linguística. *DELTA*, v. 7, n. 1, 1991. p. 395-401.

ELLISON, R. W. Boy on a Train. In: ELLISON, R. W. *Flying home and other stories*. Nova York: Random House, 1998.

_____. The Black Ball. In: ELLISON, R. W. *Flying home and other stories*. Nova York: Random House, 1998.

_____. Invisible man. In: ELLISON, R. W. *Flying home and other stories*. Nova York: Random House, 1998.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. *Décima Terceira Emenda à Constituição dos Estados Unidos*: promulgada em 31 de janeiro de 1865 e ratificada em 6 de dezembro de 1865. Disponível em: <<http://www.mspsc.eng.br>>. Acesso em: 05 de set. 2011.

EVEN-ZOHAR, I. *Papers in Historical Poetics*. Tel Aviv: Porter Institute for Poetics & Semiotics, 1978.

GENTZLER, E. *Teorias Contemporâneas da Tradução*. Trad. Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009 [1993].

GOMES, A. F. *A voz da mulher no contexto tradutório: análise da tradução de "Bliss", de Katherine Mansfield, para o português, por Ana Cristina Cesar*. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2006.

GOMES, H. T. A literatura afro-americana: seus dilemas, suas realizações. *Revista Brasil de Literatura: Literaturas de Língua Inglesa*, vol. 1, 2002. Disponível em <http://revistabrasil.org/revista/home.html>. Acesso em 2 abr. 2011.

GONÇALVES, J. C. *Estudo dos aspectos culturais e tradutórios nas obras Beloved (Amada), de Toni Morrison, e The Color Purple (A Cor Púrpura), de Alice Walker*. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras). Dourados: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2010.

GUY, G. *Linguistic Variation in Brazilian Portuguese*. Aspects of the phonology, syntax and language history. Universidade da Pensilvânia, tese de doutoramento, 1981.

HOLM, J. *An introduction to Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HOLMES, J. S. *The Name and Nature of Translation Studies*. In: *Translated Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi, 1972.

HORNBY, A. S. *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. 7. ed. New York: Oxford, 2005.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. de; FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IWASSA, H. L. F. *Black English: sob a perspectiva da sociolinguística e da tradução*. 2007. Disponível em: <<http://www.uems.br/cellms/2008/documentos/05%20%20BLACK%20ENGLISH.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2011.

JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

JOKINEN, V. *African American Vernacular English*. 2008. University of Tampere. Disponível em < <http://www.uta.fi/~venla.jokinen/AAVE.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2011.

KARVONEN, K. *The development of African American Vernacular English in two fiction texts: a case study*. 2009. Disponível em: <<https://jyx.jyu.fi/dspace/handle/123456789/20039>>. Acesso em: 12 set. 2011.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: Philadelphia University Press, 1972.

_____. *Principios del cambio lingüístico*. vol. 1. Trad. de Pedro Martín Butragueño. Madrid: Gredos, 1994.

_____. *Principles of linguistic change*. vols. 1 e 2. Malden/Mass: Blackwell, 2001.

_____. *Building on empirical foundations*. In: LEHMANN, W., MALKIEL, Y. (eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982.

LEFEVERE, A. (ed.) *Translation/History/Culture: a sourcebook*. London: Routledge, 1992.

MAGNOLI, D. *História das Guerras*. São Paulo: Contexto, 2006.

MELO, G. C. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão Editora, 1981.

MEYERS-SCOTTON, C. *Multiple Voices: an introduction to bilingualism*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008.

MORANO, T. *The Cultural Transcendence of African American Vernacular English (AAVE) as a Phenomenon of Adolescent Speech Communities*. 2000. Disponível em: <http://www.hiceducation.org/edu>. Acesso em: 10 de out. 2011.

- MORRISON, T. *Beloved*. Nova York: Plume, 1987.
- _____. *Amada*. Tradução de Evelyn Kay Massaro. São Paulo: Best Seller, 1987.
- _____. *Amada*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. *The Black Book*. Nova York: Random House, 1974.
- _____. *The Bluest Eye*. Nova York: Plume, 1994.
- MUFWENE, S. S. *The ecology of language evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- NEVES, M. H. M. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVINS, A.; COMMAGER, H. S. *Breve história dos Estados Unidos*. Tradução Luiz Roberto de Godoi Vidal. São Paulo: Alfa-omega, 1986.
- NEWMARK, P. *Approaches to translation*. Pearson Education. 1981.
- NICKEL, V. *Corpo e memória em Beloved, de Toni Morrison*. Monografia (Licenciatura em Letras). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- NIDA, E. *Toward a Science of Translating*. Netherlands: Brill, 1964.
- NORD, C. *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.
- OLIVEIRA, M. C. C. Ética ou éticas da tradução? *Tradução em Revista* (Online), v. 4, 2007. p. 1-8.
- _____. A aquisição da competência tradutória ou diplomados x descolados: o que *Donald Trump* pode nos ensinar sobre tradução. *Tradução e Comunicação – Revista Brasileira de Tradutores*, n. 18. São Paulo: UNIBERO, 2009.
- PEACH, L. *Toni Morrison*. Hong Kong: New Casebooks, 1998.
- SANTOS, R. K. A influência da escolha do mídiu para a criação de novos gêneros textuais, segundo a visão de Dominique Maingueneau. *Revista Philologus*, n. 49. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2011. p. 12-17
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].
- SILVA, L. M. *The Bluest Eye x O Olho mais Azul: o African American Vernacular English em Tradução*. 2004. 70 f. Monografia (Bacharelado em Letras – Ênfase em Tradução) Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.

SIMÕES, B. I. S. R.. *Fantasma na construção: uma leitura de Beloved*, de Toni Morrison, e *A menina morta*, de Cornélio Penna. 2002. 128 f. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2002.

SOARES, M. S.; CUNHA LACERDA, P. F. A.; GAMONAL, M. A.. Rediscutindo a noção de equivalência linguística na tradução a partir da Sociolinguística Variacionista. *Revista Gatilho* (PPGL/ UFJF. Online), v. 14, p. 7, 2011.

SOBRAL, A. *Dizer o mesmo a outros*. São Paulo: SBS, 2008.

SWAN, M. *Practical English Usage*. New York: Oxford, 2008.

TARALLO, F. Aspectos sociolinguísticos da tradução. In: COULTHARD, M. & CALDAS-COULTHARD, C. R. (org). *Tradução: teoria e prática*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TROTTER, J. W. *The Great Migration in historical perspectives: new dimensions of race, class, and gender*. Bloomington: Indiana University Press, 1991.

TRUDGIL, P. *Sociolinguistics: an introduction to language and society*. London: Penguin Books, 2000 [1974].

VALLANDRO, L. *Dicionário inglês-português, português-inglês*. Rio de Janeiro: Globo, 1965.

VEEMER, H. J.; REISS, K. *Grundlegung einer allgemeinen Translations theorie*. Tübingen: Niemeyer, 1984.

VENUTI, L. *The translator's invisibility*. 2 ed. London/New York: Routledge, 2008 [1995].

_____. A Formação de Identidades Culturais. In: _____. *Escândalos da tradução*. Tradução de Laureano Pelegrin *et al.*. Bauru: EDUSC, 2002 [1998].

WALKER, A. *The Color Purple*. New York: Pocket Books, 1970.

WEEDWOOD, B. *História Concisa da Linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002. 166 p.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Empirical foundations for a theory of language change*. Austin: University of Texas Press, 1968.

WILSON, K; KOCIENDA, G. *First Choice: Teacher's Book*. Nova York: Oxford, 2007.

WILSS, W. *The science of translation: problems and methods*. Tübingen: Narr, 1982.